

N 7823 .L5 A54 1951
Lisbon. Exposi c~ao de Arte
Sacra Mission aria, 1951.
Exposi c~ao de Arte Sacra
Mission aria



Digitized by the Internet Archive
in 2014

<https://archive.org/details/exposicaodeartes00lisb>

EXPOSIÇÃO
DE ARTE SACRA
MISSIONÁRIA



LISBOA  MCMLI



EXPOSIÇÃO
DE
ARTE SACRA MISSIONÁRIA

CATALOGO

EXPOSIÇÃO
DE ARTE SACRA
MISSIONÁRIA



LISBOA • MCMLI

*A*gradecemos a Deus terem todos recebido com interesse e favor esta realização, manifestadora do revigoração e expansão da obra missionária. Pois o espírito do Evangelho, graças ao zelo dos propagadores, conseguiu penetrar o espírito de povos pagãos muito distantes e variados, a ponto de estes apresentarem já claras provas de renascimento artístico. O que mostra de novo que só a fé cristã, arraigada na alma e manifestada na vida é capaz de elevar as inteligências até realizarem essas obras requintadas, louvor imorredoiro da Igreja Católica e adorno esplêndido do culto.

S.S. PIO XII

S.S. PIO XII.

Escultura de Martins Correia.



A Exposição de Arte Sacra Missionária, que esteve patente no Vaticano, no decurso do Ano Santo de 1950, e depois em Madrid, realiza-se agora em Portugal, integrada nas comemorações do encerramento para o estrangeiro do Ano Santo, por muito especial deferência de S. S. o Papa Pio XII. Portugal e a Espanha, que não estiveram presentes na Exposição em Roma, vieram em Madrid e Lisboa completar o certame, juntando-lhe, com a sua participação, os documentos primeiros da orientação que de longa data a Igreja imprimiu à evangelização além-mar, através da obra destes dois povos pioneiros da acção missionária.

A ARTE CRISTÃ DOS POVOS PRIMITIVOS

A arte dos povos africanos e da Oceania, apresenta, frequentemente, um carácter variado e interessante, nos objectos provenientes do artesanato e possui um formulário decorativo cheio de gosto e originalidade. Assim, pode e deve entrar nas nossas igrejas das missões. A Igreja, querendo que esta expressão se converta numa clara linguagem artística, oferece meios de aperfeiçoamento a fim de que também ela dê à pompa do culto os seus dotes originais. Pretende unicamente que a arte indígena, ainda que progrida, conserve o seu carácter, a sua sinceridade e a sua frescura.

Não queremos certos simulacros artísticos, isto é, cópias europeizantes. Expusemos algumas obras à maneira europeia, só a título documental e para dar a conhecer a habilidade técnica dos artistas indígenas, que oferecem progressos insuspeitados.

No que respeita à representação da forma humana, a arte dos primitivos não passa ainda dum expressão rudimentar. Mais ainda, deve observar-se como as produções mais primitivas não têm, nem sequer, uma fé completa na capacidade expressiva da matéria — geralmente madeira — empregada na escultura. Assim, não se limitam a dar-lhe a forma desejada, mas, uma vez obtida a imagem, dão-lhe cor, com tonalidades as mais das vezes violentas, para aumentar a sua vivacidade. Dá-se, deste modo, uma verdadeira amálgama entre escultura e pintura, ou melhor, entre escultura e cor.

Os temas que principalmente impressionam a fantasia do artista primitivo são os que se relacionam com o mistério do Deus

Homem. A maternidade da Virgem Santíssima e o presépio, são, talvez, os dois motivos que inspiram a maior parte da produção. A Exposição apresenta vários presépios: notável, entre outros, aquele em cortiça da África do Sul, no qual o autor fez também participar os animais mais ou menos ferozes do seu país.

Monsenhor Sorin, Vigário Apostólico de Port Moresby (Papua), escreve: «Quando o escultor inspirado convida a lua para o «Benedicite» da terra, não lhe pede que faça o ofício do sol.

«Em vez de uma *uniformidade cinzenta* que reduz toda a variedade humana ao tipo europeu, a acção missionária da Igreja tende a consagrar *todas* as qualidades dos indivíduos, do sexo, das raças, do mesmo modo que o sol faz brotar as flores por toda a parte segundo as suas proporções, a sua fisionomia e as suas formas naturais.

«*Benedicite omnia opera Domini Domino!* Os anjos, a baleia e o boi. E a rã? A rã também, mas não para imitar o boi. Não é preciso; são demasiados aqueles que o imitam; o orgulho incha-a e perde-a.

«Tinge-se, porventura, o ébano com o carvão e o marfim com a cal? Nós contentámo-nos em puli-lo e deixámos-lhe a sua cor natural que é o que o torna precioso, estando dentro de nós e não apenas à superfície.

«Alma do negro, alma do branco; uma e outra pertencem a Deus, ambas são igualmente belas. Deveremos, porventura, para lhes permitir louvar a Deus, mascará-las como num carnaval?

«Sabemos que Deus quer ver como todos aproveitam os talentos que Ele distribui a cada um. Portanto, se dá a um malaio o talento de talhar um cachimbo ou uma bengala — considerar-se-á ofendido ao vê-lo servir-se do mesmo talento para adornar o Tabernáculo do seu Divino Filho? E, se o desenho não é perfeito, representa de qualquer maneira um acto de homenagem religiosa da mão que o traça e do espírito que o concebeu.

«A alma papua está presente, nas primeiras manifestações, ainda infantís, de uma arte que procura merecer este nome.

«Mas, a criança tem uma mãe; a Igreja é essa mãe, que não despreza mas observa amorosamente os desenhos que seu filho traçou com mão incerta. Sabe que a criança se fará homem e que a sua mão se tornará firme; a nós, pede-nos que o ajudemos. Quer,

também, que levemos continuamente à Igreja este menino da arte. Ou, porque balbucia ainda e deforma o santíssimo nome de Jesus, nas suas tentativas de O pronunciar, deverá, porventura, impor-se-lhe silêncio? Teremos de o repreender ou de o animar?

«Não, não devemos mostrar-nos desdenhosos com o pretexto de que as decorações da arte papua não são belas e, por consequência, não são dignas de tomar parte no culto, nem de dar glória a Deus. Não é mais digna, certamente, a mercadoria adocicada que vem dos nossos países e que se vê com frequência sobre os nossos altares».

Muitos dos objectos expostos na Secção africana, foram recolhidos pela Associação francesa «Art et Louange» (Paris, 6, rue de Seine), que tem por fim ajudar os artistas indigenas dos países das Missões a construir e decorar as suas igrejas no espírito de louvor à sagrada Eucaristia, utilizando a técnica, as tradições artísticas e os símbolos locais.

A ARTE NA CHINA

Pela palavra se transmite o pensamento aos que escutam. A escrita, mais duradoura que a palavra, conserva-o e divulga-o no tempo e no espaço.

Mas a palavra e a escrita não dizem o suficiente. A pintura é, depois da escrita (os chineses dizem: junto com a escrita) capaz de revelar os sentimentos e emoções profundas da alma. Os missionários católicos, desde S. Francisco Xavier e o Padre Mateus Ricci, até hoje, compreenderam rapidamente a poderosa ajuda que lhes oferecia a pintura. Os chineses há mais de um milénio que possuem uma arte pictórica bastante desenvolvida, enriquecida em vários momentos pelos difíceis contactos com o Ocidente, estabelecidos através da Ásia Central e da Índia.

Nos conventos budistas, os primeiros cristãos do Japão e da China tinham encontrado, na contemplação dos rostos dos ascetas representados pelos pintores, um meio para compreender os primeiros exemplos da arte cristã ocidental. Entre os primeiros cristãos, não foram poucos os pintores japoneses e chineses. O sentimento de respeito e veneração pelas imagens religiosas que os primeiros missionários mostraram, impressionaram rapidamente e maravilharam profundamente os homens do povo, os literatos e os homens de estado. As primeiras escolas de pintura europeia criadas junto das missões, não foram bem compreendidas e apreciadas desde logo. Mas a obra dos primeiros pintores europeus (recordarei apenas o Irmão G. Castiglione, 1688-1766, e o P. Mateus Ripa) é, talvez, mais importante do que se julga. Os quadros de várias cores, aparecidos primeiro na China e depois no Japão, são posteriores ao contacto com os missionários europeus. Chineses e japoneses não copiaram, materialmente, os métodos ocidentais, mas

tornaram a sua própria arte mais rica de conteúdo e sentimento. A arte chinesa apresenta à visão europeia aspectos pouco habituais, sobretudo pela diversidade dos materiais empregados e pela técnica. A pintura raramente utiliza o fresco e, na maior parte das vezes, faz-se sobre papel ou seda, montada, depois em tela e disposta em rolos (volumenes), que lembram, possivelmente, os da Grécia ou de Roma. As cores de aguarela põem em evidência uma pincelada segura e rápida. As tintas, apenas esboçadas, algumas vezes, reduzem-se frequentemente a simples desenhos a preto e branco. As sombras e as perspectivas, pouco marcadas, fazem com que os quadros chineses se assemelhem mais a desenhos e esboços do que aos quadros acabados da nossa pintura.

A paisagem chinesa pretende exprimir as sensações do artista ; as atitudes da figura humana são representadas com dignidade e compostura ; mas é, sobretudo, a expressão dos rostos que revela os sentimentos da alma.

Nos retratos de família e nos de homens célebres, os olhos e o olhar das cabeças representadas, possuem grande vivacidade. Os sentimentos melancólicos e tristes dos religiosos budistas, exprimem, por vezes, compaixão e ternura, mas na sua maior parte manifestam-se por expressões que recordam a vaidade da vida e as dores da existência fugaz, em contraste com a vida inquieta e activa dos homens do Ocidente.

A arte de pintura chinesa, desde o séc. V depois de Cristo, descobriu seis regras que têm sido enunciadas mais ou menos desta maneira :

«Seja o espírito que anima um quadro, simples e nobre, espontâneo e requintado, seguro o traço da pincelada, pura e rica a tinta, pessoal a composição, e sejam harmoniosas as variações das cores». Mas, sobretudo, acrescenta um crítico chinês, o pintor deve meditar profundamente, procurar a inspiração observando as núvens e os montes, as flores e os pássaros, os lagos e os rios, sem que o pincel se mova até que possa exprimir o pensamento: a pintura será então viva e patente.

Nas várias épocas da História, foram numerosas e variadas as escolas de pintura nas cidades da China ; estas, porém, não seguem obstinadamente as ideias dos mestres antigos, antes procuram

conservar com inteligência o seu grau de originalidade. Sòmente assim a arte é progressiva.

A arte católica chinesa oferece, de há mais de três séculos a esta parte, uma linha de desenvolvimento que faz entrever novos caminhos, já evidentes em alguns dos ensaios expostos.

PROF. GIOVANNI VACCA

A ARTE NA ÍNDIA

Se existe no mundo uma arte verdadeiramente complexa, em que se encontram reunidos elementos muito diversos, já pelo espírito já pela forma, esta é, sem dúvida, a arte da Índia. Todas as raças e povos que no transcurso dos séculos se foram estabelecendo na Índia, trouxeram o seu contributo à herança artística da nação. Abstraindo dos povos pre-históricos e das tribos aborígenes, os antigos Dravidios, os Arios, os Gregos sob Alexandre Magno e os seus sucessores, os Kushanas da Ásia Central, os Árabes, os Afgãos e os Mongóis, foram-se «indianizando» e a sua arte influiu indubitavelmente na actual condição da arte da Índia.

Contudo, as características da arte de todos estes povos não foram suficientemente dominantes para absorver a própria arte indígena, embora a tenham claramente influenciado.

São três as características principais da arte da Índia :

- 1 — A arte da Índia é mais espiritualista do que realista. Talvez outros prefiram chamar-lhe idealista ; nós, porém, escolhemos propositadamente a palavra «espiritualista», porque a arte é apenas um aspecto particular da cultura indiana e esta é decididamente espiritualista. As imagens estilizadas do Buda que se encontram em Saranath e em Sanhdri, não reproduzem qualquer asceta real de carne e osso ; contudo, um sopro de vida interior e um sentido de meditação vivificam aqueles blocos de granito. Os olhos em amendoa e lânguidos das figuras de Ajanta não foram nunca copiados do mundo real e, no entanto, evidenciam as aspirações dos antigos «*rishis*» (sábios) e dos seus sinceros «*sisyas*» (discípulos), cujo único desejo era obter a completa libertação das suas almas para che-

gar aos prazeres do *Vaikunta*. Consideravam-se como exilados, como emigrantes passageiros que buscam somente o seu fim.

Por isso a arte da Índia não é de forma alguma arte realista e talvez por esta razão as aguarelas indianas muitas vezes não têm nenhuma perspectiva.

- 2 — Por outro lado, a arte da Índia tende a exprimir plásticamente, as mais elevadas ideias metafísicas. Assim, dado que pensamos que a força se encontra nos braços do homem, Deus, que é infinitamente mais poderoso, é representado com mais de um par de braços. Da mesma maneira, a suprema noção escolástica de que Deus é só um pensamento, coisa que também pensam os famosos filósofos Sankara e Ramanuja, exprime-se pintando Deus em meditação, meditação (*tapas*) a que se chama eterna. No Ocidente representa-se Deus como Criador, em atitude de voar e com os braços estendidos em todas as direcções. O artista indiano representa Deus criador em posição de repouso absoluto, apoiado na Eternidade (*ananta*, que é também o nome de uma serpente), com os olhos fechados, como se estivesse adormecido, para demonstrar que até a sua extraordinária actividade é toda obra da sua mente. Os indianos gostam de ver todos os dogmas representados plásticamente, e este desejo teve influência sobre toda a arte religiosa da Índia.

Alguns ocidentais, que não compreendem o segredo deste plasticismo, julgam os seus efeitos na arte, estranhos e algumas vezes repulsivos. Devem procurar compreender que a sua beleza radica, amiudadas vezes, nas suas ideias metafísicas.

- 3 — A arte da Índia é, finalmente, exuberante para além de toda a medida. O artista indiano não se satisfaz com uma flor, necessita do jardim todo. No Ocidente, a alma que deseja encontrar Deus vem representada, conforme a imagem bíblica, como um veado sedento que corre para a fonte. O escultor indiano, de modo semelhante ao do artista bisantino, representa-o numa procissão de inúmeros pássaros que se dirigem para a porta do templo e formam como que uma grinalda em

sua volta. Uma flor de lotus não é suficiente para dar a ideia da pureza de uma pessoa ou instituição; muitas flores de lotus são necessárias para isso e a imagem desta flor é repetida frequentemente e estilizada de maneiras diferentes.

Também a arte mussulmana foi grandemente influenciada por esta exuberância, que é uma consequência indubitável do clima cálido que produz cinco ou seis colheitas por ano. O túmulo de Sher Shah Sur em Sassaram, construído no sóbrio estilo afgão de Ahmedabad ou Jaunpur, é diferente do mais moderno Taj Mahal com a sua florescente ornamentação de várias cores; do mesmo modo que uma severa catedral gótica se distingue das igrejas construídas nos séculos seguintes, na Península Ibérica, seguindo os estilos Churriguresco ou Manuelino, assim também o Taj Mahal, ainda que mussulmano, é um edifício inteiramente indiano. O Imperador Akbar havia já unificado os dois estilos.

Estas breves notas ajudarão os críticos a compreender alguns dos aspectos da adaptação da arte da Índia aos nossos ritos e usos cristãos, o que constitui a razão de ser desta Exposição.

No que respeita à integridade e pureza da fé católica, nenhum compromisso se pode admitir; o mesmo se não diz, porém, das formas artísticas, isto é, da roupa exterior, que pode servir para demonstrar que a Igreja católica não é uma importação estrangeira, e isto contribuirá (segundo as palavras de Clemente XI) para dar-lhe foro de cidadania em qualquer país.

H. HERAS, S. J.

A ARTE NO VIET-NAM

Na Indochina, ou Viet-Nam, encontram-se duas correntes artísticas: uma, que vem da Índia, e outra, procedente da China, as quais se modificam e entrecruzam ao contacto do génio nativo local.

A corrente indiana prevalece no Sul, especialmente no Cambodge, onde floresceu a civilização Kmer. O período do esplendor máximo desta civilização estende-se do séc. X ao séc. XII; pertencem a este período os maravilhosos monumentos de Angkor.

A corrente chinesa prevalece no Norte, em Tonkin e Anam, que foram em tempos passados tributárias da China, nas quais se encontra uma profunda influência da cultura e arte chinesas.

Uma característica particular da arte do Viet-Nam, é a sua rica fantasia e a surpreendente habilidade e paciência com que se inventam e realizam finíssimas composições decorativas (laca, incrustações em madeira, porcelanas, tecidos, objectos domésticos e de culto, etc.).

O académico francês L. Gillet caracteriza admiravelmente o espírito da arte oriental em oposição ao espírito da arte ocidental, dizendo: «O característico da arte na Europa, depois do Renascimento, é o naturalismo, o gosto da imitação, do relevo, do claro-escuro.

«O Oriente conservou melhor o conceito feliz de que a pintura é, antes de mais nada, uma linguagem de sinais. E para que estes sinais não fiquem vazios, basta pôr neles o respeito que devemos à realidade, a ternura que a criação, nossa irmã, nos deve inspirar.

«Acontece também que o artista oriental (que por outro lado, depois do império de Alexandre, não é estranho à tradição

helénica) se encontra na feliz condição em que a arte da pintura é, naturalmente, uma obra religiosa».

D. Lucas Tran (1825-1899), uma das mais altas e dignas figuras do sacerdócio anamita, confessor da fé, literato, governador civil, é o «genius loci» da cidade de «Phat-Diem» e um magnífico fundador da adaptação da arte anamita ao culto cristão. «É um desses heróis humildes — disse dele o então jôvem marechal Lyautey — que elevam tudo quanto tocam, nascidos para uma grande empresa e que, à falta dela, engrandecem a pequena».

Os templos sagrados de Phat-Diem, a catedral e as várias capelas, são obras primas de concepção architectónica e de fantasia ornamental. Constituem uma visão luminosa de beleza expressiva do pensamento católico através da linguagem artística anamita.

A França favoreceu nobremente a arte, fundando uma Academia em Hanoy e enviando jôvens artistas a Paris, para aperfeiçoarem os seus estudos. Entre estes artistas sobressai o pintor Celso Le Van De, que soube conservar o seu carácter oriental e, uma vez convertido, cristianizou admiravelmente a arte anamita, oferecendo-nos quadros cheios de sentido espiritual e de uma arte fascinante.

C. C.

A ARTE NO JAPÃO

A arte japonesa do passado, não pretende a fiel imitação anatómica, mas sim a figuração, segundo o aspecto humano, de abstractas concepções religiosas às quais fica subordinada: em certa medida, de modo semelhante ao das alegorias da arte medieval europeia. Os rostos dos Budas e dos Bodisatvas, ou futuros Buda, não exprimem paixão; para conseguir a «budidade» é necessário que se tenha exterminado em si todo o desejo e toda a sede de vida, que se tenha dado conta de que o mundo exterior é só enganosa e fugitiva aparência, que se tenha anulado o próprio eu, identificando-se com Buda, isto é, com a personificação religiosa da consciência cósmica afirmada pela filosofia indiana como a Única Verdade. Os Budas e Bodisatvas dos vários períodos históricos apresentam-se ao olhar inexperiente como demasiado semelhantes entre si: vestuário e atitudes estão rigidamente fixados pela tradição; assim, pouquíssima liberdade se deixa à fantasia do artista.

Acode ao pensamento a arte grega, que representava platonicamente o género e não a espécie, o tipo e não o indivíduo, e na qual cada novo artista outra coisa não fazia senão mudar ligeiramente os esquemas dos seus predecessores. A diferença entre os vários períodos históricos japoneses aparece no estilo dos rostos e, especialmente para a escultura, na execução das pregas do vestuário, que são, para os Budas, uma simples túnica e manto, e para os Bodisatvas, quase sempre, os de príncipe indiano, de coroa na cabeça. Durante longos séculos, a arte japonesa foi, nos primeiros tempos unicamente e depois predominantemente, arte religiosa; e, se não religiosa, pode ser ao menos considerada mística, quando em vez de representações da divindade pintou paisagens, já que

também estas são, para a filosofia indiana, uma projecção da Realidade Única, a consciência cósmica, como os Budas e Bodisatvas.

A tendência da arte japonesa, ao longo dos séculos, foi, como na arte chinesa e, ainda, na europeia, a humanização da divindade, que tinha já representado com o aspecto hierático sobre-humano nas suas primeiras manifestações.

Isto é válido não só para os Budas e Bodisatvas, mas também, e melhor ainda, para as outras divindades, menos ligadas ao rígido cânone iconográfico e que representam poderes parciais de Buda. Depois de aquela tendência ter alcançado perfeita manifestação artística, e à medida que o fervor religioso se ia enfraquecendo, foi-se tornando profana, primeiro com os baixo-relevos de animais e plantas e, mais ainda, com as pinturas, análogas pelo assunto mas de valor incomparavelmente superior ; depois com as xilografuras coloridas e com as pinturas da sua escola própria.

A escultura no Japão utiliza primeiro o bronze, depois a laca e a argila, não cosida mas estendida sobre uma base, as mais das vezes de madeira ; depois, madeira, num só bloco, que foi, mais tarde, esculpido em várias peças embutidas e ôcas para evitar fendas, e recoberta, como a laca ou argila, de folhas de ouro ou marcada com desenhos coloridos. A escultura, de que restam no Japão as mais belas obras de toda a Ásia, e que perdeu o brilho artístico com o advento da tendência profana, mas que confirma a habilidade, sem igual em todo o Oriente, da técnica dos japoneses, é hoje menos praticada do que a pintura.

A pintura, que com a sua irmã a escrita, fora considerada como a única arte nobre, adornou as sedas, o papel e, até, a madeira. O único exemplar que ficou, no Japão, do uso das tintas de óleo, pertence ao primeiro período histórico, isto é, entre a primeira metade de 500 a 600: é de estilo chinês e, provavelmente, de mão coreana. Depois, utilizou a têmpera, preparada, não com ovo, mas com cola de peixe e, mais tarde, o branco e preto da tinta da china diluída em água. Mas, começada pelos meados do séc. XVI a propaganda cristã, o jesuíta irmão coadjutor Giovanni Nicolau Da Nola divulgou a pintura a óleo. Ao mesmo tempo, divulgou também a gravura em cobre, que até então só havia sido praticada em madeira, e a perspectiva monocular em vez da aérea, bem como o claro-escuro, quando no Japão não se sombreava com o negro,

mas utilizavam as gradações da mesma tinta para obter efeitos de relevo. Contudo, chegada a época da perseguição religiosa, nos primeiros trinta anos do séc. XVII, desapareceu a maior parte dos quadros a óleo, que tinham sido pintados no arquipélago e ninguém se atreveu a fazer novos quadros, nem sequer de assunto profano, abandonando-se, até, o uso desta técnica com receio de a considerarem cristã. Esta tendência começou a reaparecer somente pouco antes da reabertura do Japão ao Ocidente, no ano de 1868. Depois de esta data, foi retomada com tal amplitude que hoje uma parte da arte japonesa é feita exclusivamente à maneira ocidental, tanto no que respeita ao conteúdo como à forma, segundo uma ou outra escola europeia. Por outro lado, também a pintura tradicional, seja a cores, seja a preto e branco, patenteia uma adesão à realidade, tanto na representação do corpo humano como da natureza, que, embora lhe dê novos valores, lhe faz perder os antigos.

Contudo, ainda que com novos olhos e novo espírito, a arte japonesa volta ao estudo dos modelos clássicos do seu longínquo passado.

GIACINTO AURITI

ARTE RELIGIOSA INDIGENA NA AMÉRICA CENTRAL E DO SUL

Na América Central e do Sul floresceram, antes da conquista espanhola, várias grandes civilizações que encontraram a sua expressão em formas de arte e estilo originais. No México sucederam-se as dos Toltecas, dos Aztecas e dos Mayas, que é a mais requintada ; o Perú pode orgulhar-se da arte dos Incas e a Colombia teve a civilização chamada Chibcha.

Todos estes períodos estilísticos deixaram monumentos grandiosos ou ruínas de edificios civis ou destinados ao culto, apreciáveis pinturas, fantásticas decorações de tecidos, tapeçarias, armas, livros, mosaicos de penas ou de palha, exemplares riquíssimos de ourivesaria em prata e ouro. São célebres as misteriosas pirâmides mexicanas, especialmente as duas de Teotihuacan, dedicadas ao Sol e à Lua. Os imponentes restos da de Cholula formâm hoje uma colina, sobre a qual foi construída uma igreja dedicada à Virgem. Do grandioso sentido artístico que animava os architectos Aztecas, oferecem boa prova as ruínas da cidade de Mitla, onde se vêem ainda restos de edificios tão admiráveis como os do Egipto faraónico, adornados com baixo-relevos de formas originais e carregados de obscuros simbolismos. Mais severa e igualmente ciclópica, era a architectura dos Mayas, de que se admiram em vários museus exemplares magníficos de cerâmica, estatuetas e interessantes manuscritos iluminados. Quanto ao Perú, basta assinalar o Templo do Sol, erguido na cidade de Cuzco (antiga capital do vasto império dos Incas), em cujas amplas galerias, cobertas de adornos de ouro macisso, se conservavam as múmias dos soberanos falecidos, hieráticamente sentados em tronos preciosos e revestidos com os vestuários reais. Esta população foi, também, exímia na arte

do mosaico e da cerâmica pintada ou modelada com figuras humanas ou de animais. As grandes civilizações americanas não ocupavam por completo o continente, limitando-se a uma zona que se estendia desde a América Central para o Sul do continente, ao longo da sua parte ocidental. As outras populações americanas, eram constituídas, na sua maior parte, por tribos nómadas de caçadores e guerreiros, de civilização muito primitiva, que encontra um modesto reflexo nas ornamentações geométricas realizadas em tecidos e coiros e em objectos domésticos ou armas, alcançando o seu máximo na cerâmica dos índios de Marajó, na foz do Amazonas.

O espírito dos conquistadores espanhóis e portugueses do séc. XVI não estava, de modo algum, preparado para compreender esta arte tão afastada da sua sensibilidade e cultura próprias, nem para sentir qual a acção que podia exercer o apostolado missionário entre os indígenas, adoptando todas as formas que não estivessem em irreductível opposição com a doutrina e a iconografia cristãs ; baptizando-as, em suma, como a Igreja tinha baptizado e feito seus, conservando-os para a cultura do mundo, os valores eternos da civilização clássica. Mas, os séc. XVI e XVII, orgulhosos de uma arte que tinha alcançado o máximo das suas possibilidades, tinham escassa compreensão para as formas primitivas, consideradas de uma estética demasiado simplista ou em estádios artísticos já ultrapassados e, portanto, faltos de interesse e merecedores apenas de curiosidade por parte dos cronistas. Se se pensar no grande número de igrejas medievais «modernizadas» nos séculos XVI e XVII (para não falar no que se lhes seguiu), isto é, praticamente anuladas na sua essência artística, compreender-se-á muito bem como para uma arte, muito mais estranha ao seu mundo histórico e estético, aquele interesse foi ainda menor para as civilizações primitivas. A tal indiferença juntou um sentimento de hostilidade, a errada opinião de que, para tirar os povos do paganismo, era necessário privá-los não só da sua mitologia e dos seus cultos, mas também da sua arte nativa e das suas tradições.

As concepções estéticas do seu século, levaram os conquistadores a destruir muitos documentos preciosos da arte indígena americana. Os seus palácios e templos foram substituídos por palácios de governo e igrejas construídas em estilo europeu, ou, para ser mais preciso, dentro das formas da arquitectura espanhola e

portuguesa do Renascimento tardio e do Barroco, que se diferenciava da italiana dos mesmos períodos por maior opulência formal e mais cuidada distribuição dos elementos decorativos, e por influências procedentes da arte árabe, como, por exemplo, os azulejos. Contudo, apesar da vontade dos conquistadores, aquela arte ocidental, transplantada para um ambiente completamente novo, transformava-se pouco a pouco, adaptando-se ao novo clima, à paisagem diversa e, até, à diferente mentalidade dos habitantes das colónias espanholas e portuguesas, quer fossem indígenas, quer emigrantes. Variava sobretudo por efeito da sensibilidade estética diferente dos artistas e operários, que não raramente, eram indígenas ou mestiços, os quais executavam os projectos e por cujo intermédio aquela arte se nos apresenta hoje com precisas características que deram origem ao chamado «estilo missionário» ou «estilo colonial». Esta característica revela-se bem nos objectos das artes menores ou artesanato, como os trabalhos de madeira ou pedra, cerâmica, imagens e ornamentos sacros, etc. ; e as Missões católicas deviam ter posto o máximo cuidado em manter acesa, mais ainda, em vivificar aquela preciosa chama de originalidade, que podia dar uma agradável contribuição para a confecção de objectos e ornamentos do culto.

Vê-se aqui, na Exposição de Arte Missionária, um eloquente exemplo na mitra episcopal dos Uffizi de Florença, feita com um subtil mosaico de diminutas penas de várias cores.

Outro exemplo muito impressionante da permanência, pelo menos parcial, da sensibilidade estética indígena, reside no gigantesco ornato de um altar processional de Cuzco, reproduzido na monografia de Mons. Celso Constantini sobre a Arte nas Missões.

E terminamos com as palavras do mesmo autor sobre a possibilidade de um retorno à vida de estas formas, ao serviço da Igreja e das missões: «Se um hábil artista soubesse escavar no leito seco da antiga arte original americana, poderia, ainda, encontrar um veio de água fresca. Os elementos da arte precolombina da América Central poderão oferecer a um artista de fantasia viva e de seguro sentido architectónico, os materiais para novas, esplêndidas manifestações ; mas deve tratar-se de ressurreições e não de exumações».

NOTAS BIOGRÁFICAS DE ALGUNS ARTISTAS

LUCAS CHENG (China):

O pintor Cheng Wuang Tu orientou-se para a arte cristã cerca de 1929, por influência de Monsenhor Celso Constantini, então Delegado Apostólico em Pequim. Em 1932, foi baptizado e tomou o nome de Lucas.

Pode ser considerado como o verdadeiro fundador da arte cristã moderna na China. Nascido em Cantão, escolheu Pequim para centro das suas actividades artísticas e foi ali professor de arte da Universidade Católica. Fieis à antiga tradição artística chinesa, as suas obras revelam um profundo sentido de espiritualidade e de poesia.

Lucas Cheng bem depressa se converteu no chefe de um movimento de arte cristã na China, que conta, entre os melhores, os nomes de Lu-Hung-Nien, Wang-Su-Ta, Lucas Hua, Li Ming Yuen e Su Hi Hua.

LU HUNG NIEN (China):

Em pequeno disse a um missionário que tinha feito de pintor e tinha retratado o Menino Jesus entre os meninos chineses. Este quadro evangélico é agora o seu quadro predilecto. Estudou em Pequim e Changai e participou em numerosas Exposições, sempre com êxito indiscutível. Foi discípulo de Lucas Cheng e é hoje

um dos mais populares pintores chineses, sendo também conhecido no estrangeiro como um grande artista. Com Lucas Hua, expõe as obras mais significativas e interessantes da secção chinesa.

CHANG CHAO HO (China):

Nascido em Lu Hsien (Hsech Wan) em 1904, estudou em Changai e trouxe à pintura chinesa um sagaz espírito revolucionário, abandonando as velhas maneiras e vivificando as suas composições com o estudo da realidade, que sabe interpretar com incisiva eficácia.

Sem ser um imitador da arte ocidental, encontra-se espontaneamente com alguns caracteres da nossa estética europeia.

ANGELO DA FONSECA (Índia):

Nascido em Goa, de família indiana de antigas tradições cristãs, pode ser considerado o chefe da escola cristã de pintura religiosa na Índia. Conservou intacto o estilo indiano, que se revela, nas suas numerosas obras, repleto de uma pensativa espiritualidade. Reside em Poona.

O sentido da composição e da cor são notáveis neste artista, mas também nele se manifesta um delicado sentimento da linha e uma graça harmoniosa de desenho, que imprimem à sua pintura um certo ritmo musical. Este ritmo revela-se, com frequência, em poucas notas, mas assume um intenso poder evocativo.

FRANK WESLEY (Índia):

Nascido em 1927, em Azamgarh, junto do Himalaia, de uma antiga família indiana, usa o apelido inglês de Wesley.

Estudou na Escola de Arte de Lucknow. Durante o curso de arte decorativa, começou a pintar, por mero passatempo, os

seus primeiros quadros de assuntos cristãos. O seu estilo é essencialmente indiano e principalmente o da Escola de Lucknow: uma só cor, esfumada em várias tonalidades, de uma expressão espiritual delicadíssima.

As suas numerosas obras mostram a sua predilecção pela aguarela e revelam uma alma decisivamente artística e fundamentalmente cristã.

ALFRED THOMAS (Índia):

Nascido em Delhi, estado de Madyadesha, tem, apòximadamente, quarenta anos. Como Wesley, usa apelido inglês depois da conversão da sua família.

Procede da Escola de Arte de Lucknow, e as suas aguarelas revelam, também preciosas características. Viajou pela Europa e especialmente pela Itália. O seu centro de estudo foi Florença, onde casou. Tem exposto as suas obras várias vezes, na Índia e na Inglaterra, e é, sem dúvida, um dos pintores indianos com maior interesse da actualidade.

Há alguns anos que se encontra estabelecido na Inglaterra, onde publicou recentemente «A Vida de Jesus ilustrada por um pintor indiano», volume em que se reproduzem as suas mais famosas aguarelas.

CHANDRAKANT N. MHATRE (Índia):

Chandrakant N. Mhatre, familiarmente chamado Babu, é um jovem pintor de religião hindu que foi a Roma para colaborar nas decorações da secção indiana da Exposição Missionária do Ano Santo. Os seus frescos, de exquisito gosto oriental, foram objecto de viva admiração.

Mhatre formou-se na Escola de Arte de Bombaim e estuda actualmente na Academia de Belas Artes, de Madrid.

Tem pintado assuntos cristãos com muito sentimento, revelando-se como artista de engenho e de seguro gosto. É notável nas suas pinturas o sábio uso da cor e o cuidado estudo do pormenor.

LUCAS HASEGAWA (Japão):

Nasceu há sessenta anos em Kanagawa. Estudou pintura japonesa no estúdio de Eikyu Matsuoka e pintura europeia na Academia de Belas Artes de Tóquio. Aos dezanove anos ganhou o primeiro prémio na Exposição Nacional de Belas Artes, da qual é actualmente membro.

Estudou a técnica do fresco na Europa, onde participou, com êxito, no Salão de Outono de Paris. De regresso ao Japão, em 1930, participou em diversas Exposições oficiais e criou, com outros artistas, a Fundação Católica de Belas Artes.

Pintor muito conhecido no Japão, é, por seu lado, profundo conhecedor dos antigos usos e costumes do seu povo.

TERESA KIMIKO KOSEKI (Japão):

Aos vinte e cinco anos obteve o seu diploma na Academia Feminina de Belas Artes de Tóquio, ganhando o primeiro prémio de pintura na Exposição Imperial de Artes Figurativas.

Membro da Exposição Nacional de Belas Artes, é conhecida especialmente pelo exquisito gosto com que soube representar os aspectos característicos da vida popular dos campos e das aldeias do Norte do Japão. A simplicidade de composição, a delicadeza de acordes cromáticos e um agudo espírito de observação, são as características mais notáveis das suas obras.

CELSO LE VAN DE (Viet-Nam):

Nasceu em 1906, em Mokay (Cochinchina). Fez os seus primeiros estudos em Saigão, frequentou a Academia de Belas Artes de Hanoi e completou em Paris a sua formação artística.

Foi baptizado em Roma, em 1935, por Monsenhor Constantini, e tomou o nome de Celso.

Esteve em Roma durante o Ano Santo de 1950, para colaborar na decoração do Pavilhão indo-chinês desta Exposição Missionária.

As suas virgens, pintadas sobre uma espécie de lousa, têm o semblante de uma jovem anamita e deixam ver, ao mesmo tempo, uma espécie de inspiração celeste no rosto. É, sem dúvida, o artista cristão mais importante do Viet-Nam, onde foi o primeiro a empreender a nobre campanha para o desenvolvimento da arte cristã indígena.

A ARTE MISSIONÁRIA ESPANHOLA

A arte missionária hispano-americana foi dirigida primeiro à conversão dos índios, depois dos mestiços e gente de cor da América e ainda do crioulo, que perdeu o contacto com as formas culturais metropolitanas.

Esta arte missionária é uma parcela da arte religiosa, que, por sua vez, apresenta dois aspectos que a caracterizam: um, a sua intenção catequística de comover e ilustrar religiosamente o indígena de países exóticos e estranhas culturas; e outro, a interpretação artística, por esse mesmo indígena cristianizado, dos mistérios da nova religião, que ele abraçara ou os seus antepassados.

Por ter sido fruto da conquista e da colonização, e, portanto, incorporada na alma americana com a língua e cultura europeias, a evangelização da América tem, garantidas a sua profundidade e persistência na sociedade já civilizada. Restam ainda, em selvas e desertos longínquos e isolados, tribos indígenas de vida primitiva em processo de evangelização.

Para enriquecer a arte missionária americana contribuiu a fusão das duas culturas, a espanhola e a indígena, com o contributo de uma grande variedade de elementos estéticos e de influências, bem como o emprego de novos materiais artísticos: conchas, penas, corais e lacas; o auge da ourivesaria colonial pelo incremento da exploração mineira; o hibridismo das formas; a mistura de técnicas e estilos; a contribuição de influências do Oriente asiático através do Galeão de Manilha; o ingénuo arcaísmo dos artistas indígenas; o seu sentido decorativo; a sua tendência para o exótico e o pitoresco, etc..

Claro está que no desenvolvimento desta arte influi poderosamente, dentro de cada país, o grau de cultura e de riqueza do povo submetido.

Contudo, nas selvas do Paraguay conseguiram elevar-se à condição de artistas — architectos, pintores, escultores, músicos — e de artífices — impressores, ebanistas, sapateiros — os índios guaranis das missões jesuíticas que antes viviam a vida primitiva de caçadores e aprensos, e que logo depois da expulsão dos seus mestres e guias, desceram ao seu primitivo estado.

Nas Filipinas, os tagais conseguiram criar uma arte missionária, colonial, misturando elementos espanhóis com a tríplice corrente asiática — indochinesa, chinesa e japonesa — que secularmente tinha informado a sua arte.

Embora a obra missionária da Espanha tenha chegado a todos os continentes — à África, durante a Idade Média, com a intervenção de S. Raimundo Lúlio, e à Ásia, com a do Apóstolo do Japão, S. Francisco Xavier — foi na Oceania, nas Filipinas, e, sobretudo, no Continente Americano, desde a Califórnia à Terra do Fogo, onde teve a sua mais esplendorosa expansão.

No novo Museu da América, em construção na Cidade Universitária de Madrid, terá, um dia, a obra missionária da Espanha na América e nas Filipinas, a sua adequada e condigna instalação.

PORTUGAL E A ARTE MISSIONÁRIA

Assim como desde o início da sua Arte, coeva da fundação da Nacionalidade, até o momento heróico da transcendental aventura marítima dos *Descobrimentos*, o Ideal Cristão inspirou e guiou o espírito dos portugueses em todos os seus actos, igualmente na consequente tarefa da Colonização em terras bravias ou de hereges, por si reveladas e dominadas além Atlântico, o padrão com o Sinal da Cruz entrelaçado no escudo nacional, compondo o símbolo de perfeita comunhão, era o marco da Conquista e da Evangelização, que também nos panos das caravelas destemidas proclamava a Fé e protegia o Sonho dos lusitanos. Nenhum outro sinal sublimou a Arte da História Portuguesa.

Em todas as partes do Mundo onde o apostolado português chegou, pregando aquela e sua Fé, ou fosse pelos continentes africano, asiático e americano, no Ocidente e no Oriente, com o martírio, a abnegação e a santidade dos missionários, ali ergueu templos e devoções em tão vastos impérios de incrédulos ou de incultos que negavam ou ignoravam a religião de Cristo. Esses templos povoados de imagens foram de Arte bastantemente comovida e expressiva, para ainda hoje serem ali venerados em cultos especiais e de grande frequência.

A seu par, havendo os portugueses encontrado nalgumas dessas longínquas regiões outras Artes com tradições de gostos e estilos locais, assim como outras de talhe bárbaro e intuitivo, mas característico da concepção plástica das raças que o inventaram e que de remotos tempos o repetiam, nos seus cuidados de subtil e doce evangelização, nunca nessas originais e particulares manifes-

tações do instinto e do espírito artístico dos indígenas se introme-teram, salvo para os desviarem dos selváticos sentidos em que usa-ram essas estranhas criações plásticas, idolátricos, pagãos e des-humanos, e para tão somente os converterem, sem violência, à su-blimidade do Ideal Divino.

Ao mesmo tempo, numa delicada permuta de sugestões esté-ticas, colheram os portugueses para as suas evoluções artísticas algumas daquelas surpresas de relação histórica, em troca das con-vicções e das orações que levavam no coração, em vez de imposi-ções de gosto que psicologicamente seriam inaceitáveis. Nesta reci-procidade missionária, o triunfo da Fé foi beneficiativo para todos sem colidir com os dotes plásticos dos povos catequizados, de tão fértil imaginação e poderes de observação para retratarem cenas da vida indígena ou figuras de animais, e assim traduzirem cismas de condenável paganismo, barbaras e terríveis.

Foi nestes princípios, digamos políticos, de compreensão da alma humana na diferenciação das raças e de acatamento às razões tradicionais e étnicas da Arte gentílica, que os portugueses basearam a sua missão de evangelizadores, em tratos com poderosos e descon-fiados povos, que ao cabo de tempos os estimularam e como eles se tornaram católicos por obediência à verdade das suas convicções e da iluminação interior com que os catequizavam.

Mil documentos da Arte desses variados períodos de Cristia-nização ficaram naqueles solos até aí desconhecidos, que atestam a acção e o espírito missionários; outros tantos de voluntária assi-milação na índole dos nativos, demonstram a adesão ao culto cató-lico, ainda que em ingénuas e deficientes projecções artísticas. De qualquer ponto que se observe a Arte das províncias ultramarinas portuguesas, o espírito cristão prevalece sobre as formas rudes ou cultas das suas antigas origens.

Nessa permanente evangelização, integrada na unidade do Ideal Cristão, sem deixar, contudo, de ser distinta, o português soube respeitar e defender os predicados ráticos, digamos étnicos e característicos dos artífices e dos artistas dessas províncias ou im-périos de seu governo no Ultramar, para que na adaptação ou assi-milação das concepções europeias e civilizadoras, eles não se des-racionalizassem nem perdessem os privilégios herdados, traindo gostos e maneiras próprias no conceber de novos temas, e para que

se operasse por sua livre deliberação plástica a transfiguração emotiva e simbólica de novas idealizações, concordes, quanto possível, com a estética de cada tribo ou região. Deste modo, sem imposições, porventura, contraproducentes, foram-se anulando ideias falsas de idolatrias e terríveis superstições, findando com os fetichismos e erros dos sentimentos bárbaros, civilizando sempre pela evangelização da verdade cristã.

A missão foi espiritual e educativa, de ordem interior e não de censura ou ataque às formas exteriores duma Arte, que pelo sentido expressional e de típica fantasia, poderia purificar-se e transmitir sentimentos doutras significações. O missionário da Fé de Cristo educou, aliciou e converteu, não cometendo a imprudência de tentar destruir os jeitos plásticos, desiguais em todos os povos, dos artistas que seguiram as suas palavras e exemplos.

Essas características ráticas na expressão particular da Arte, distinguem os povos e ajudam à valorização dos ideais comuns na maneira conceptiva de exprimir a pura verdade, que na Arte assim como na linguagem de cada povo tem a sua forma intrínseca de comunicações. Quer essa forma original, quer as composições imaginativas e suas consequentes expressões, são de privilégio nas vocações e nos sangues, áparte de quantos problemas ou sentidos de ordem social ou religiosa. É um privilégio sensacional e não da razão. Para mais, a rebeldia instintiva do artista em se despersonalizar ou abandonar a criação formal ou estética inerentes à própria raça, de modo algum prestaria colaborações ao seu espírito agora esclarecido, mas ainda de frágil desconfiança, por lentas conversões, se se considerasse atraído. A iluminação do espírito e do sentimento humano não deve contrariar os aspectos exteriores da Arte, nem exigir desta senão outra substância nos temas afins aos da inspiração que Deus proporciona a todos, igualmente.

Como exemplo desta independência natural em Arte, o presente núcleo de peças com o sentido religioso que ora se reuniu para a *Exposição de Arte Missionária*, é uma amostra de simples documentário, em sua maior parte dos tempos primeiros da Evangelização dos Portugueses, que demonstra a doçura e o respeito inteligente dos seus missionários. As imagens de Cristo crucificado, por exemplo, bárbaras na forma e insuficientes na técnica, mas perturbantes pela assimilação gravada na pedra, no cobre, no ferro, na

madeira dura ou no marfim, revelam a vontade dos escultores africanos em quererem orar com acerto, na sua pobre linguagem. Os tecidos de paramentos ou adornos de altar ; os objectos de serviços litúrgicos ; os retábulos ; etc., aqui patentes e ao lado de quantos outros documentos artísticos e históricos daquela evangelização, são os primitivos esforços dessa assimilação, que se arquivam apenas para explicações futuras duma grande obra encetada e assás progressiva, em favor da Fé e da Religião, com que Portugal modestamente colabora nesta exhibição de magestoso cenário e conjunto, no templo relicário da mais antiga e extraordinária empresa de projecção Cristã, além-mar.

DIOGO DE MACEDO

PIO XII E PORTUGAL MISSIONÁRIO

Múltiplas e notáveis, sob mais dum aspecto, têm sido as provas de afecto e paternal benignidade do Santo Padre Pio XII para com Portugal e os portugueses.

Desde o início do seu Pontificado o Papa tem, com vincado interesse e desvanecedora solicitude, aproveitado todas as ocasiões que as circunstâncias lhe têm oferecido para afirmar o seu muito apreço pela nossa Pátria, a sua dedicação paternal pelos portugueses, pela nossa História, pelas nossas mais egrégias figuras e, até, pela nossa Literatura. Conhecendo perfeitamente a nossa Língua, que aprendeu com o jesuíta português Padre António de Magalhães, para poder falá-la no Brasil, quando, em 1934, visitou a grande nação irmã, no seu regresso da Argentina, onde esteve como Cardial Legado de Pio XI ao Congresso Eucarístico de Buenos Aires, Pio XII admira profundamente a nossa Literatura clássica, que lhe é familiar, citando com frequência especialmente Camões e o Padre António Vieira.

Sempre que tem ocasião, repetimos, o Papa refere-se a Portugal e aos portugueses com expressões da mais cativante simpatia.

Citar, ainda que sucintamente, as muitas demonstrações de apreço da parte do Sumo Pontífice pela nossa Terra seria encher um volume de numerosas e sensibilizantes páginas.

Mas, entre os muitos aspectos da acentuada benignidade de Pio XII pela nossa Pátria, um há que a todos sobreleva: a sua não calada admiração pela nossa Epopeia Missionária, pelo nosso multi-secular esforço civilizador no tempo e no espaço, na preocupação sempre fremente de dar ao Mundo novos mundos, de levar Cristo às almas e trazer as almas para Cristo.

A INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DAS MISSÕES CATÓLICAS

Era o actual Pontífice apenas o Cardial Secretário de Estado Eugénio Pacelli, recém-vestido na alta missão para que Pio XI o escolhera, quando se lhe ofereceu a primeira oportunidade de manifestar o seu apreço pela acção missionária de Portugal.

Pio XI, o Papa das Missões, cognome com que passou à história da Igreja, manifestou sempre, também, o maior interesse pela evangelização feita pelos missionários portugueses no Mundo de todos os tempos.

Assim, instituiu em 1930 a Sociedade Portuguesa das Missões Católicas, cujo principal fim «é a assistência religiosa e a evangelização nas dioceses portuguesas do Ultramar e, também, quando seja possível, em outras partes e regiões a que possa estender-se a sua benéfica acção».

Nesta obra sobremodo meritória e digna do agradecimento unânime dos portugueses, teve o actual Papa, na sua qualidade de Secretário de Estado, um papel da mais preponderante e activa importância. Era a sua primeira grande manifestação de consideração pela acção missionária dos portugueses.

Mais tarde, quando visitou o Brasil, o mais alto e glorioso padrão da nossa obra de Evangelização, o então Cardial Pacelli não se cansou de referir a acção dos portugueses que souberam dar tão grande e magnífico país à Catholicidade e à Civilização Cristã.

A PRIMEIRA BÊNÇÃO DO PAPA FOI PARA O IMPÉRIO PORTUGUÊS

É, porém, após a sua ascensão ao Sumo Pontificado que Pio XII melhor e mais marcadamente afirma a sua admiração, digamos mesmo a sua devoção pela obra missionária e civilizadora dos portugueses.

Assim, a sua primeira bênção como Sucessor do Príncipe dos Apóstolos foi para Portugal e o seu Império.

Pio XII acabara de ser eleito Papa. Já alguns Cardiais se dirigiam para o eleito, a fim de lhe pedirem bênçãos especiais,

quando o Sumo Pontífice se voltou para Sua Eminência o Cardial Patriarca de Lisboa e abraçando-o lhe disse :

«Neste momento quero exprimir os meus melhores votos para Vossa Eminência, para o seu clero e seminários, congregações religiosas, obras católicas e fiéis ; para Salazar que tanto tem trabalhado e feito pelo seu País, e a quem dirá que o abenço do coração e faço os mais fêrvidos votos por que possa levar a cabo a sua obra de restauração nacional, tanto material como espiritual ; para todo o Episcopado, pois sabemos quanto tem trabalhado pela restauração religiosa de Portugal e afirme-lhe o nosso apreço e fraterna afeição ; e para todo o Portugal com o seu ilustre Chefe de Estado à frente, *essa nobre Nação que tanto fez pela dilatação do Evangelho e da Civilização e que esperamos há de continuar as suas tradições cristãs, no continente e nas colónias, tornando-se outra vez uma grande Nação missionária.*

Respondendo depois à Mensagem com que o Presidente da República Portuguesa, o saudoso Marechal Carmona, o felicitara pela sua eleição, Pio XII respondeu, repetindo a sua bênção :

«À dedicada mensagem da nobre nação portuguesa e de Vossa Excelência — dizia o Papa — respondem os votos que do coração fazemos pela prosperidade cristã dessa católica população e do seu vasto Império, enviando a Vossa Excelência e a todo os portugueses a nossa Bênção Apostólica.

O ACORDO MISSIONARIO, REINTEGRAÇÃO DE PORTUGAL NA DIRECTRIZ TRADICIONAL DOS SEUS DESTINOS

Pouco mais dum ano tinha decorrido sobre a elevação do Cardial Pacelli à Cadeira do Pescador quando entre Portugal e a Santa Sé foram assinados a Concordata e o Acordo Missionário. Este último e importante instrumento diplomático surgia dominado por um pensamento fundamental : reintegrar a Nação Portuguesa na sua vocação evangelizadora e fazer reflorir a actividade missionária nas províncias do Ultramar. A luz deste pensamento obteve-se que a organização missionária católica seja essencialmente nacional.

Graças ao Acordo Missionário foram elevadas à categoria de Metropole, passando os respectivos Prelados a ser arcebispos, a diocese de Angola e a, até então, Prelazia de Moçambique.

Na província de Angola, além do Arcebispado de Luanda, passou a haver mais duas dioceses: a de Nova Lisboa e a de Silva Porto.

Por seu turno a Prelazia de Moçambique passou a constituir três dioceses: o Arcebispado de Lourenço Marques e os Bispados da Beira e de Nampula.

O Vicariato de Timor, até então integrado na diocese de Macau, tornou-se diocese independente com sede em Dili, capital da Província.

«Em face do Acordo — sublinha-o e muito bem a Câmara Corporativa — e não obstante manter-se a obrigação internacional que assumimos, os missionários católicos serão em princípio portugueses, e quando o não sejam, estarão sujeitos a autoridades eclesiásticas portuguesas.

«Quer dizer: todos os missionários católicos hão-de estar dentro da organização missionária católica portuguesa.

¿Que mais retumbante demonstração de confiança nas nossas faculdades colonizadoras poderia obter-se no domínio religioso? E que maior triunfo seria legítimo esperar nas negociações entabuladas?

Traduz, sim, o reconhecimento pelo mais elevado poder espiritual do mundo do nosso valor missionário e com ele do nosso mérito de pioneiros da Civilização, do nosso Génio colonizador».

Por isso Sua Eminência o Cardial Patriarca de Lisboa, falando da importância do Acordo Missionário, pôde muito lúcida e eloquentemente dizer:

«Nunca a Santa Sé até hoje assinou um estatuto tão vasto e transcendente sobre o regime missionário. Nele acaba de fazer um acto magnífico de fé e confiança no esforço missionário de Portugal.

O Papa Alexandre VI distribuiu pelas nações irmãs, Portugal e Espanha, as duas metades do Mundo, que descobrimos. Pio XII de algum modo o imita, confiando a Portugal a obra missionária das suas vastas colónias.

Quem tenha sentido a acuidade do problema colonial que vem sendo jogado no tabuleiro internacional, e mais ainda para uma alma cristã, a responsabilidade da salvação das almas indígenas que (como se dizia no século XVI) temos de conquistar para

Cristo e para a Sua Igreja — poderá compreender o alcance do Acordo agora assinado.

Continua no Ultramar a nossa vocação missionária de *dilatara Fé e o Império*. A constituição da hierarquia nas mais importantes das nossas colónias é como um acto simbólico da sua ocupação para Cristo e para Portugal».

Por seu turno, o Presidente do Conselho, Sr. Prof. Doutor Oliveira Salazar, no notável discurso que, em Maio de 1940, pronunciou, sobre a assinatura da Concordata e do Acordo Missionário, perante a Assembleia Nacional, pôde dizer, a terminar, e com a clareza de sempre:

«Não farei igualmente alusão ao alcance internacional destes actos: revela-se no reconhecimento solene da soberania espiritual de Roma, na garantia dos direitos da Igreja, na afirmação da necessidade de normas superiores de moral, de justiça, de bondade nas relações entre os homens e os povos.

Mas volto à primeira ideia deste discurso e só para dizer o seguinte: não tivemos a intenção de reparar os últimos trinta anos de história, mas de ir mais longe, e, no regresso à melhor tradição, reintegrar, sob este aspecto, Portugal na directriz tradicional dos seus destinos. Regressamos com a força e pujança dum Estado renascido, a uma das grandes fontes da vida nacional, e, sem deixarmos de ser do nosso tempo por todo o progresso material e por todas as conquistas da civilização; somos nos altos domínios da espiritualidade os mesmos de há oito séculos. Marcá-lo por tal maneira é certamente um triunfo político e um grande acto da história».

Graças ao Acordo Missionário, Portugal não só regressava ao seu destino de grande povo civilizador, como via abrirem-se à sua acção evangelizadora novos e mais amplos horizontes de progresso.

Pio XII, tornando possível o importante instrumento diplomático, consagrava de maneira tão explícita como eloquente o grande esforço civilizador dos portugueses.

A CARTA ENCÍCLICA SAECULO EXEUNTE OCTAVO

É, porém, na Carta Encíclica *Saeculo exeunte octavo* dirigida ao Cardial Patriarca de Lisboa e aos Arcebispos e Bispos de Portugal para comemorar o duplo Centenário em Junho de 1940 que

o Santo Padre melhor e mais entusiásticamente exalta a nossa acção missionária. Nunca no decorrer da nossa História multi-secular a nossa obra evangelizadora foi motivo de tão altas e expressivas referências como nesse histórico e notabilíssimo documento.

Dizia, então o Sumo Pontífice :

O VIII centenário da Fundação de Portugal e o III da sua Restauração, que a vossa gloriosa e nobre Pátria celebra este ano com tanta solenidade e união de corações, não podiam passar despercebidos à desvelada vigilância desta Sé Apostólica, nem, muito menos, deixar indiferente o Nosso coração de Pai comum dos fiéis.

Temos até um motivo especial para tomar parte nas comemorações da vossa primeira independência, por isso que a Santa Sé, como é sabido, colaborou para lhe dar constituição jurídica.

Os actos, com que os Nossos Predecessores do século XII, Inocência II, Lúcio II e Alexandre III aceitavam a homenagem de vassalagem prestada por Afonso Henriques, Conde e depois Rei de Portugal, e, prometendo-lhe a sua protecção, declaravam a independência de todo o território que a preço de duríssimas lutas tinha valorosamente recuperado do domínio sarraceno, era o prémio altamente ambicionado com que a Sé de Pedro remunerava o generoso povo português pelas suas extraordinárias benemerências em prol da fé católica.

A fé católica, como foi em certo modo a linfa vital, que alimentou a Nação portuguesa desde o berço, assim foi, se não a única, certamente a principal fonte de energia, que elevou a vossa Pátria ao apogeu da sua glória de nação civil e nação missionária, «dilatando a fé e o império» (I).

Refere-o a história e os factos o atestam.

Efectivamente, quando os filhos de D. João I lhe pediram que autorizasse a primeira expedição ultramarina, que havia de levar à libertação de Ceuta, o grande e piedoso monarca, antes de mais nada, quis saber deles se a empresa seria ou não útil ao serviço de Deus.

Como esta, todas as empresas seguintes tiveram igualmente por fim principal a propagação da fé, daquela fé que animara «a Cruzada do Ocidente» e as Ordens militares na épica luta contra o domínio dos Moiros.

Nas caravelas que, arvorando o níveo pendão rubricado com

a cruz de Cristo, levavam os intrépidos descobridores lusíadas às praias ocidentais da África e das Ilhas adjacentes, navegavam também os Missionários, «para atraírem as nações bárbaras ao jugo de Cristo», como se exprimia o grande pioneiro da expansão colonial e missionária portuguesa, o infante D. Henrique, o Navegador.

O príncipe dos descobridores portugueses, Vasco da Gama, quando levantava âncoras para iniciar a sua venturosa viagem das Índias, levava consigo dois Padres Trinitários, um dos quais, depois de ter prègado o evangelho com zelo apostólico aos povos da Índia, havia de coroar o seu laborioso apostolado com o martírio.

O sangue deste e doutros heróicos Missionários portugueses foi naquelas remotas paragens, como sempre e em toda a parte, o sangue de mártires, semente de cristãos; e os seus luminosos exemplos foram para todo o mundo católico, mas em primeiro lugar para os seus generosos compatriotas, chamamento e estímulo ao apostolado missionário.

Viu-se então, — precisamente quando uma série de funestos acontecimentos arrancava grande parte da Europa do grémio da Igreja, que com tanta sabedoria e carinho materno a tinha educado, — viu-se Portugal com a nação irmã, a Espanha, abrir à mística Esposa de Cristo imensas regiões desconhecidas, e trazer ao seu regaço materno, em compensação dos miseramente perdidos, filhos inumeráveis nos vastos continentes da África, Ásia e América. Dioceses e paróquias, seminários e conventos, hospitais e orfanotrofios surgiam e se multiplicaram naquelas terras, a demonstração da perene vitalidade da Igreja católica, pela qual o divino Fundador incessantemente intercede, e na qual o Espírito Paráclito opera incessantemente, mesmo nas horas mais trágicas.

Mas donde veio:

«que vós, por muito pouco que sejais, muito fazeis na santa cristandade?» (2).

Donde veio a Portugal a força para abraçar no seu domínio tantas plagas da África e da Ásia, e estendê-lo ainda às terras longínquas da América? Donde, se não daquela ardente fé do Povo Lusitano, cantada pelo seu maior poeta, e da sabedoria cristã dos seus governantes, que fizeram de Portugal um dócil e precioso ins-

trumento nas mãos da Providência, para a realização de obras tão grandiosas e benéficas?

.....

Mas é no esplendor das vossas incomparáveis glórias missionárias que queremos fixar a vossa atenção neste ano pluricentenário, destinado à evolução histórica dos magníficos fastos da vossa ínclita Pátria, para que nos vossos corações se mantenha sempre vigoroso o antigo espírito missionário português.

As actuais celebrações centenárias coincidem providencialmente com um período de renascimento espiritual do povo português; e a solene Concordata e o Acordo missionário há pouco ratificados, regulando as relações e promovendo a colaboração amigável da Igreja e do Estado, garantem tempos ainda melhores.

Por isso a hora actual é particularmente propícia para dar novo incremento entre vós ao espírito missionário, a fim de que possa emular o ardor dos antigos Missionários portugueses.

Quem, animado de um tal espírito, poderá olhar com indiferença para os quase dez milhões de almas, que vivem nos domínios portugueses, e que na sua imensa maioria esperam ainda a luz do evangelho?

Que português — digno deste nome — não quererá fazer quanto estiver na sua mão para conservar sempre vivo o que forma, não só uma das mais belas glórias, senão também um dos maiores interesses da sua Pátria?

Nós portanto, Amado Filho Nosso e Veneráveis Irmãos, enquanto com a mente e o coração repletos das gloriosas tradições missionárias da Nação Portuguesa vos apontamos para as muitas almas que nas vossas colónias esperam quem lhes pregue a palavra de Deus e reparta com elas «as insondáveis riquezas de Cristo» (3), repetimos o gesto e a exortação do Divino Redentor aos Apóstolos, dizendo-vos também: «Levantai os olhos e vede os campos que estão já loiros para a messe» (4). «A messe é grande, mas os trabalhadores poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que mande trabalhadores para a sua messe» (5).

.....

Mas o Nosso maior e mais ardente desejo é que à imitação da Arquidiocese de Goa, onde abundam as vocações sacerdotais e religiosas dentre os naturais da terra, assim também as outras cir-

cunscrições eclesiásticas dos Domínios portugueses, desenvolvendo generosamente a obra já começada, possuam dentro em breve um exemplar Clero indígena, e numerosas Irmãs, filhas do mesmo povo, em cujo meio deverão exercer o seu apostolado.

É uma glória de Portugal o ter sempre associado à fortuna da metrópole os povos das terras ultramarinas, procurando elevá-los ao mesmo nível de civilização cristã: Nós contamos com esta louvável tradição para a realização deste que é um dos sonhos mais acalentados pela Igreja nos últimos tempos: a formação do Clero indígena.

.....

Não vos esquecemos, Dilectíssimos Filhos, a vós que já obedecestes à ordem do Divino Mestre: «faze-te ao largo!» (6). A vós, que já vos encontrais no alto mar, lutando e afadigando-vos por dilatar o Reino de Deus, corre mais solícito o Nosso pensamento e mais cordial se dirige a Nossa saudação e exortação.

.....

A história das vossas Missões atesta eloquentemente a verdade desta lei divina. Ao passo que as chamadas Missões leigas, que deviam substituir as Missões católicas, foram sempre infrutíferas, que imensos bens, não só espirituais, senão também — por natural consequência — temporais, a vantagem e prestígio de Portugal, operaram um S. Francisco Xavier e um B. João de Brito! Imitai-os!

A 15 de Março deste ano completou-se o quarto centenário da divina vocação de Xavier para as Missões da Índia portuguesa. Esta vocação divina foi-lhe manifestada pela carta que D. João III, rei de Portugal, escreveu ao seu embaixador em Roma, encarregando-o de procurar sábios e virtuosos Missionários para as Índias.

Quão bem recompensou Xavier a Portugal o valiosíssimo auxílio prestado à vocação divina do Santo Protector das Missões! Certamente que não teria podido fazer mais em serviço de Portugal, se fosse português de nascimento. Tal é a eficácia benéfica da santidade. Nela está o segredo do feliz resultado da vossa missão.

Seja pois o vosso programa missionário entre os infiéis o do Divino Mestre: «Santifico-me a mim próprio, para que eles sejam santificados» (7), que foi também o programa de S. Francisco Xavier, do B. João de Brito e de toda a gloriosa coorte dos santos

Missionários portugueses, que tão bem mereceram da religião e da pátria.

Enfim uma palavra ao generoso e querido Povo português.

Cristo Senhor Nosso, aos que já gozam dos incomparáveis benefícios da Redenção confiou-lhes o encargo de os repartirem com os Irmãos que ainda deles carecem. Nas vossas magníficas Colônias tendes milhões de irmãos, cuja evangelização vos está confiada de modo particular.

Por isso Nós vos convidamos a todos para uma santa Cruzada em favor das vossas Missões.

Como os vossos gloriosos antepassados, de cujas gestas celebrais este ano a memória se cerravam em torno dos Capitães e Cavaleiros, que agitavam a bandeira cruzada, ou, quando os não podiam seguir, os acompanhavam com suas orações, com sua solidariedade, e com o auxílio financeiro, assim vós também timbrai em dar vossos filhos, vossas orações, vosso óbolo generoso às Missões.

Parte privilegiada nesta nobre cruzada compete aos que militam na Acção Católica.

Deus abençoará esta vossa santa Cruzada e a vossa cavalheirosa Nação. Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a Senhora do Rosário que venceu em Lepanto, vos assistirá com seu potente patrocínio. S. Francisco Xavier, o Santo Padroeiro das Missões Católicas, português de adopção, o B. João de Brito e toda a ínclita falange dos santos Missionários portugueses será convosco.

Entretanto seja-vos penhor das graças celestes e testemunho da Nossa paterna benevolência a Benção Apostólica, que a vós, Amado Filho Nosso e Veneráveis Irmãos, e a todos e cada um dos vossos fiéis damos com toda a efusão do coração.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, na festa de S. António, 13 de Junho do ano do Senhor 1940, segundo do Nosso Pontificado.

PIO PP. XII

- (1) Camões, *Lusiadas*, I, 2.
- (2) Camões, *Lusiadas*, VII, 3
- (3) Efes. III, 8.
- (4) Io. IV, 35.
- (5) Luc. X, 2.
- (6) Luc. V, 4.
- (7) Io. XVII, 19.

Repetimos: nunca Portugal escutara tão grande e alta consagração da sua glória missionária, como esta, vinda da Cadeira de S. Pedro.

Pouco tempo passado, o Papa publicava a bula *Solemnibus Conventionibus*, pela qual eram criadas as novas dioceses no Ultramar a que acima já fizemos referência.

O PRIMEIRO EMBAIXADOR NO VATICANO

Meses volvidos, o Governo português, em agradecimento à Santa Sé, e reatando uma velha e gloriosa tradição, elevou a embaixada a Legação de Portugal junto do Vaticano. Para mais categorizar a sua representação, nomeou seu primeiro Embaixador uma das figuras de maior relevo na política, membro do próprio Ministério, onde sobraçava a pasta da Educação Nacional, o ilustre Mestre de Direito Doutor Carneiro Pacheco, que já fora Embaixador Especial de Portugal nas cerimónias da Coroação do Sumo Pontífice.

No discurso com que respondeu ao do Embaixador português, Pio XII voltou, de novo, a referir-se ao Portugal Missionário, quando disse:

«O Senhor deu à Nação Portuguesa um Chefe de Governo que tem sabido conquistar não só o amor do seu povo, principalmente das classes mais pobres, mas, também, o respeito e estima do Mundo. A ele cabe o mérito de ter sido, por parte deste Governo, sob os auspícios do eminente Presidente da República, artífice duma grande obra de Paz entre o Estado e a Igreja, esta sociedade perfeita e suprema cuja acção benéfica, depois das tristes experiências do passado turvo, poderá agora exercer-se com segurança no meio do tão amado povo português.

Pareceu-nos que o reconhecimento formal e a garantia de um livre e fecundo apostolado da Mãe-Pátria nas terras de Além-Mar, em favor das almas que esperam ainda a salvação, era coisa mais importante, mais preciosa, mais agradável ao Senhor, que qualquer outro bem ou vantagem material ou terrestre. Nós confiamos na prudência do Episcopado e no zelo do clero secular e regular, no fervor dos nossos queridos filhos e filhas de Portugal, particularmente dos que com dedicação militam nas fileiras da

Acção Católica, esperamos pois firmemente uma nobre fidelidade à Igreja e à Pátria, enfrentando corajosamente as dificuldades e os sacrificios que traz ordinariamente consigo a instauração duma nova ordem de coisas e empregarão todos os meios para animar os artigos dos dois pactos solenes, Concordata e Acordo Missionário, concluídos entre a Igreja e o Estado, dum sopro de vida alegre, palpitante, avassalador, que os tornará uma realidade fecunda».

NA CONSAGRAÇÃO DO MUNDO AO IMACULADO CORACÃO DE MARIA DE NOVO O PAPA RE- CORDOU A NOSSA ACÇÃO EVANGELIZADORA

Para dar realização ao pedido instante dos Pastorinhos videntes de Fátima, Pio XII houve por bem consagrar o Mundo ao Imaculado Coração de Maria.

Fê-lo, no dia 31 de Outubro de 1942, num discurso em português directamente para a Sé de Lisboa, onde com o Cardial Patriarca se encontrava todo o Episcopado Português.

Salientou, então o Santo Padre :

«E vós tendes uma grande dívida para com a Virgem Senhora e Padroeira da vossa Pátria.

«Numa hora trágica de trevas e desvairamento, quando a nau do Estado Português, perdido o rumo das suas mais gloriosas tradições, desgarrada pela tormenta anti-cristã e anti-nacional, parecia correr a seguro naufrágio, inconsciente dos perigos presentes e mais inconsciente dos futuros — cuja gravidade, aliás, nenhuma prudência humana por clarividente que fosse podia então prever — o Céu que via uns e previa os outros, interveio piedoso e das trevas brilhou a luz, do caos surgiu a ordem, a tempestade amainou em bonança e Portugal pôde encontrar e reatar o perdido fio das suas mais belas tradições de Nação fidelíssima para continuar, — como nos dias em que «na pequena casa Lusitana não faltavam cristãos atrevimentos» para «a lei da Vida Eterna dilatar» (Camões, *Lusíadas*, canto VII, oitavas 3 e 14) — *na sua rota de povo cruzado e missionário*.

«Honra aos beneméritos que foram instrumento da Providência para tão grande empresa !

Mas primeiro glória, bênção, acção de graças à Virgem

Senhora, Rainha e Mãe da sua Terra de Santa Maria, que tem salvado mil vezes, que sempre lhe acudiu nas horas trágicas».

O PAPA SAGRA ATRAVÉS UM CARDIAL-LEGADO A NOVA SÉ DE LOURENÇO MARQUES

Em 1944 o Senhor Arcebispo de Lourenço Marques, D. Teodósio Clemente de Gouveia, tinha concluída a nova Sé Catedral de Lourenço Marques, cuja construção fora começada anos antes por essa outra grande figura de Missionário, o Senhor D. Rafael da Assunção, Bispo de Augusta e Prelado de Moçambique, que, depois de governar a diocese de Cabo Verde, a que fora promovido, acabou por resignar, usando presentemente o título de Bispo de Limira.

Foi então que o Santo Padre, querendo dar nova prova de paternal affecto pela Nação Portuguesa, se dignou determinar que a sagração da nova Sé revestisse especial solenidade e fosse feita por um Cardinal seu Legado *á latere*. E para a extraordinária e importante missão resolveu eleger ainda o Cardinal português, Patriarca de Lisboa, Sua Eminência o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Tem a data de 28 de Maio de 1944 a Bula em que o Santo Padre nomeia seu Legado o eminente Purpurado.

Portugal inteiro, desde a Metrópole aos confins do Ultramar, rejubilou com a faustosa notícia. Era a primeira viagem que um Cardinal fazia às imensas regiões da nossa África, percorrendo os caminhos das velhas aventuras marítimas e das Descobertas que ampliaram, desde há séculos, o nosso Apostolado no Mundo.

Depois do Acordo Missionário nenhum acontecimento nacional relacionado com o nosso património de além-mar tivera até então, sob o aspecto religioso, significado tão alto como o dessa jornada triunfal a que o Governo Português se associou, prestando ao Legado do Papa, por intermédio das suas autoridades, as maiores homenagens e deferências.

Sua Eminência o Cardinal Cerejeira visitou então várias terras do Império.

Antes de partir, porém, fez ao País, por intermédio da Emissora Nacional notáveis e oportuniísimas declarações.

Acentuou então o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira :

«Não é pròpriamente o Cardial Patriarca de Lisboa que visita terras do Império Português, de caminho para a cerimónia da Sagração da Sé de Lourenço Marques. Na minha pobre pessoa quem vai à África Portuguesa é Sua Santidade o Papa Pio XII, o Vigário de Cristo na Terra.

«Esta visita — continua — leva uma mensagem de luz, de paz, de purificação, de concórdia, de dignidade e de amor, como se passasse pelas terras africanas do Império Português o mesmo Lugar-Tenente, de Cristo Senhor Nosso, com o Tesoiro das suas Graças.

«É, sim, um gesto que coroa e confirma a epopeia silenciosa e sublime de todos os que no decurso de vários séculos têm andado a acender na África negra a divina luz de Cristo — que, graças a Deus alumia a alma portuguesa.

«Quis até o Santo Padre — sucessor de outros gloriosos Pontífices que enviaram também levas de heróicos missionários que levaram a Cruz de Cristo a todas as partes da Terra — quis que o seu Legado levasse consigo como uma coroa de numerosos missionários para a árdua lavra das vastas searas de almas confiadas à Igreja e a Portugal. E só a brevidade do tempo impediu que ela fosse mais avultada.

«Portugal — diz ainda o Eminente Purpurado — deve estar muito grato a Sua Santidade. O Vigário de Cristo, que é o maior Poder moral do Mundo, quis estar presente e presidir por intermédio do seu Legado à sagração da Sé de Lourenço Marques, a primeira que se levanta depois da assinatura do Acordo Missionário.

«A sagração da Sé de Lourenço Marques é acto que transcende a própria significação ritual. Esta Cathedral nova que se levanta toma um carácter simbólico e universal. É a consagração de uma obra, de uma política e de uma idade: a obra evangélica de extensão do Reino de Deus; a política definida por Camões nos versos imortais: dilatação da Fé e do Império; e a idade de ressurgimento e definição da consciência imperial das nossas colónias».

Nestas palavras do Eminente e Venerando Patriarca de Lisboa está, com efeito, posta em toda a sua grandeza a altíssima

importância do grande acto do Papa, fazendo sagrar por um seu Legado a primeira Sé erguida depois do Acordo Missionário, que é ao mesmo tempo a igreja-mãe duma das nossas principais províncias ultramarinas, duma das nossas primeiras dioceses do Império.

UM BISPO PORTUGUÊS — ÚNICO CARDIAL DE ÁFRICA

Mas a sagração da Sé Catedral de Lourenço Marques iria ter, dentro de pouco, maior e mais expressivo complemento.

Ao reunir, em Dezembro de 1945 — terminada a última Grande Guerra havia meses — o seu primeiro Consistório para a eleição de novos Cardiais, entre os escolhidos estava o Arcebispo de Lourenço Marques, D. Teodósio Clemente de Gouveia, que ficaria sendo o único Cardinal da África. Para representar o vasto Continente negro no Sacro Colégio, o Sumo Pontífice entendeu por bem que a ninguém ficaria melhor cometida a alta missão que a um Bispo missionário português, a um descendente desses outros obreiros da Civilização Cristã nas rudes e difíceis plagas africanas.

Assim, Portugal, o descobridor do Continente africano, o desbravador dos sertões imensos, o Portugal catequista e civilizador que fora o primeiro a levar a luz do Evangelho, as belezas da Fé, o suave jugo de Cristo a milhares e milhares de almas de indígenas era, destarte, tido pelo Papa como a Nação mais qualificada para representar a África na mais alta Instituição da Igreja: o Sacro Colégio.

Se a devoção do Santo Padre pela acção missionária dos portugueses, como fica patenteado no correr deste breve e incompleto trabalho, não estivesse de há muito bem evidenciada, não merecesse, desde sempre, o agradecimento unânime dos portugueses, bastava este acto do Papa, de fazer dum Bispo Português o único Cardinal da África para que Pio XII tivesse jús à nossa mais alta, expressiva e filial dedicação.

D. Teodósio Clemente de Gouveia fora eleito pelo Papa Pio XI, em 18 de Maio de 1936, Bispo de Leuce e Prelado de Moçambique.

Quando em 4 de Setembro de 1940, pela bula *Solemnibus Conventionibus*, em execução da *Concordata*, foram criadas as no-

vas dioceses do Ultramar e, a de Lourenço Marques tornada Metrópole da nova província eclesiástica de Moçambique, o Bispo de Leuce foi eleito novo Arcebispo e Metropolita da província, sede que ainda presentemente ocupa.

No Consistório de Dezembro de 1945 foi finalmente elevado a Cardial da Santa Igreja.

A EXALTAÇÃO DE SANTO ANTÓNIO — O PRIMEIRO MISSIONÁRIO PORTUGUÊS

Foi a 16 de Janeiro de 1946, festa dos proto-mártires Franciscanos, também conhecidos pelos Santos Mártires de Marrocos, que o Santo Padre publicou o seu Breve *Exulta Lusitania Felix* elevando Santo António à alta dignidade de Doutor Universal da Igreja.

Na nova homenagem ao maior e mais eminente português de todos os tempos, há, também, a exaltação daquele que foi o primeiro Missionário Português, o que antes de qualquer outro se fez de abalada da «pequena Casa Lusitana» para, nas plagas africanas, iniciar a evangelização dos infiéis.

Recorda-o, de resto, o Sumo Pontífice quando no seu Breve assinala :

«António, nascido em Lisboa, capital de Portugal, de pais cristãos, ilustres por virtude e sangue, pode deduzir-se de muitos e certos indícios que desde os primeiros alvares de vida foi abundantemente enriquecido pela mão do Omnipotente, com os tesouros da inocência e da sabedoria. Ainda muito jovem, tendo vestido o hábito monástico entre os Cónegos Regrantes Agostinhos, durante onze anos se dedicou com o maior empenho a enriquecer a sua alma com as virtudes religiosas e o seu espírito com a sã doutrina. Elevado depois à dignidade sacerdotal por graça do Céu, enquanto vai aspirando a uma vida mais perfeita, os cinco proto-mártires franciscanos das Missões de Marrocos consagram com o seu sangue os princípios da religião seráfica e António, cheio de entusiasmo perante tão glorioso triunfo da fé cristã, sentindo-se inflamado de um vivíssimo desejo de martírio, vestido de hábito franciscano, dirigiu-se fozoso a Marrocos e chegou felizmente às praias africanas».

Na nova glória de Santo António não era apenas o sábio

que, no dizer explícito de S. Boaventura, abarcava todo o saber dos antigos que Pio XII exaltava aos olhos de todo o mundo. Era também o Missionário, o primeiro Missionário Português que o Sumo Pontífice glorificava de maneira singular.

RECORDANDO A GLÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS

Quando as mulheres portuguesas resolveram tomar a iniciativa de promover a coroação de Nossa Senhora de Fátima e adquirir a Coroa da Rainha dos Céus e da Terra com oiro das suas arrecadas, Pio XII, paternalmente, quis estar presente entre nós e ser ele, pelas mãos dum seu Cardial Legado, a colocar sobre a fronte da Rainha do Mundo o diadema da Realeza.

Então, de novo na nossa Língua, ele se dirigiu ao quase milhão de peregrinos que aos pés da Virgem se havia reunido na Cova da Iria .

Ao recordar a protecção da excelsa Padroeira da nossa Pátria, o Papa de novo não esqueceu o nosso génio, as nossas glórias de povo ultramarino:

«O amor ardente e reconhecido — disse o Santo Padre — vos trouxe aqui e vós quisestes dar-lhe uma expressão sensível, condensando e simbolizando naquela coroa preciosa, fruto de tantas generosidades e de tantos sacrifícios, com que por mão do nosso Cardial Legado acabamos de coroar a imagem taumaturga, símbolo expressivo que se aos olhos da celeste Rainha atesta vosso filial amor e gratidão, primeiro vos recorda a vós o amor imenso expresso em benefícios: os cinco primeiros séculos sob a signa de Santa Maria de Alcobaça, de Santa Maria da Vitória, de Santa Maria de Belém, nas lutas épicas contra o Crescente pela Constituição da nacionalidade, em todas as que custou a consolidação da sua independência, em todos os heroismos aventureiros, descobrimentos das novas ilhas e novos continentes, por onde andaram vossos maiores plantando com as quinas a Cruz de Cristo».

A CONSAGRAÇÃO MÁXIMA

Se não tivéssemos adoptado neste trabalho para melhor disciplina e arrumação dos assuntos a ordem cronológica, seria evi-

dentemente pela evocação dessa gloriosa jornada que foi a canonização de S. João de Brito, o Santo e Heróico Missionário do Maduré, o novo Xavier do século XVII, que esta breve e incompleta referência ao Amor do Santo Padre pelo Portugal Missionário, inevitavelmente começaria.

É que na canonização de S. João de Brito, Pio XII realizou, efectivamente, a consagração máxima do Portugal Missionário e Evangelizador.

Na Embaixada que de todas as partes do Império Portugal enviou a Roma aos pés do Santo Padre, houve efectivamente a confirmação da Fidelidade sempre afirmada da Nação Portuguesa à Sé de Pedro.

Correspondendo a essa filial devoção, Pio XII quis fazer da solene canonização, mercê da qual mais um grande Português ficou aureolado da maior glória que pode ser concedida na Terra — a glória dos Santos — o coroamento magnífico e esplendente de toda a paternal amizade e simpatia com que desde sempre tem distinguido Portugal e os portugueses.

De novo, a nossa terra e nós, fomos alvo do mais paternal carinho do Vigário de Cristo.

Na homília que então proferiu em S. Pedro, durante a cerimónia da canonização, Pio XII falando do novo Santo Português afirmou:

«João de Brito movido de superior impulso e bafejado por um espírito do Alto, deixou os Paços do Rei de Portugal, onde exercia cargos honrosos, e buscou a tranquilidade dos claustros da Companhia de Jesus; nela foi crescendo tão perfeita e fielmente ajustado com as normas da Santidade que, não só a seus irmãos, mas até aos superiores era causa de admiração. Inflamado de ardentíssimo zelo apostólico, teve na conta de suprema honra deixar a Pátria, atravessar a imensidade do Oceano, entrar nas vastíssimas regiões da Índia e lá pregar a doutrina, o amor e o reino de Jesus Cristo.

Quantos trabalhos não sofreu com infatigável entusiasmo, quantos e quão terríveis perigos não venceu, e finalmente quantas maravilhas por graça de Deus, não fez para trazer à lei do nosso Divino Redentor, para purificar nas águas do baptismo e para tornar herdeiros da vida e da bem-aventurança eterna inúmeros ho-

mens, que, ou ignoravam absolutamente a religião católica ou a davam ao desdém e ao desprezo. Imitador e émulo ardorosíssimo de S. Francisco Xavier, possuía uma fé deveras viva e operosa, abraçava-se em chamas de caridade, e pondo toda a sua confiança em Deus, não se deixou nunca vencer de dificuldades nem amedrontar com ameaças ; antes, não obstante umas e outras, levou a civilização e a religião cristã a novas gentes, alargou e dilatou com todo o empenho a regiões desconhecidas as fronteiras do reino de Jesus Cristo. Finalmente, podia tomar em seus lábios aquela celebrada sentença do Apóstolo das gentes: «para mim... a vida é Cristo, a morte é lucro» (Philip I, 21).

Efectivamente, também ele, depois de longas e aturadas fadigas apostólicas, depois de aspérrimos caminhos, depois de reiterados perigos da própria vida, teve a dita de receber o furor dos seus inimigos pagãos, a reclusão no cárcere e o golpe que o decapitou e lhe alcançou com piedosíssimo transe a palma do martúrio».

Depois, na audiência geral que concedeu ao Episcopado português, a todas as delegações do nosso Império Ultramarino e a todos os demais peregrinos portugueses, Pio XII, quis uma vez mais honrar-nos celebrando a glória de S. João de Brito e o nosso génio apostólico, falando na nossa língua :

«Honra e incitamento — disse o Papa — também para vós, dilectos filhos de Portugal, tanto do Continente como do Ultramar : um que ao glorioso Mártir, S. João de Brito, deu o berço e a formação ascética, o outro que lhe deu o campo do apostolado e o altar do sacrifício ; ambos aqui brilhantemente representados nesta numerosa e selecta coroa de peregrinos, vindos à apoteose do conacional e do apóstolo.

Quando, há quatro séculos, uma célebre embaixada trouxe ao trono de Pedro as ricas primícias das terras recentemente descobertas pelos aventureiros argonautas lusitanos, havia naquele gesto do Rei Venturoso a promessa decidida de trabalhar por levar a Fé a todas aquelas imensas regiões e trazê-las, um dia, à obediência do Vigário de Cristo.

Hoje, esta vossa embaixada, quanto mais luzida com as reluzências de duas purpuras Cardinalícias e de quase todo o Episcopado, tanto mais preciosa, porque portadora de tesouros imortais, de almas regeneradas no Sangue de Cristo, recrutadas de todo o

território que se estende das plagas africanas, Congo, Angola, Moçambique, através do Continente índico e chinês, aos arquipélagos do Pacífico, — hoje, esta vossa embaixada de almas está mostrando palpavelmente os esforços feitos durante séculos e os frutos colhidos na realização daquele cristianíssimo propósito: e faz reviver aos nossos olhos tantas legiões de intrépidos Missionários, que — émulos heróicos de Xavier e de Brito — por lá escreveram com os suores apostólicos e tanta vez rubricaram com o sangue uma das mais gloriosas e indeléveis páginas da História da Igreja.

A glória do novo Santo sobredoiira de novos esplendores as memórias daqueles heróis e de quantos com eles generosamente colaboraram na divina empresa, facilitando-a, custeando-a, coadjuvando-a; mas reflecte-se com singular honra sobre vós, herdeiros da sua grande vocação civilizadora e missionária.

Honra singular, que ao mesmo tempo deve ser de incitamento a vós e a toda a «Casa Lusitana» para «sempre mais cristãos atrevimentos». Que o exemplo do invicto apóstolo suscite novas legiões de generosos, prontos a seguir-lhes os passos nas sendas do apostolado! Que o ardor do seu zelo infatigável reacenda em quantos se ufanam de católicos e portugueses a nobre emulação que animava vossos maiores, para colaborar na «dilatação da Fé no império», de modo que, onde tremulam as Quinas, reine plenamente a Cruz de Cristo, nem haja súbdito de Portugal — qualquer que seja a sua cor e estirpe — que não realce a nobreza daquele nome com a maior nobreza de filho de Deus e da Igreja!».

Já antes no decreto *De Tuto*, para a canonização, a nossa acção missionária fora exaltada na glória inegualável do Santo Mártir de Ugur.

Ainda um mês não tinha decorrido sobre a canonização, quando a 11 de Julho de 1947, o Santo Padre declarou S. João de Brito Padroeiro das Missões portuguesas, autorizando que em todas as dioceses ultramarinas de Portugal se celebrasse, em sua honra, missa de rito de 2.^a classe.

Era o remate da glorificação do Santo Missionário, síntese e esplendor de todo o nosso génio apostólico.

AS PEREGRINAÇÕES DO ANO SANTO

As peregrinações portuguesas que durante o Ano Santo visitaram a Cidade Eterna, cabeça e Mãe da Cristandade, constituíram novos pretextos para que o Santo Padre tivesse repetidas expressões de férvida admiração, de paternal solicitude e benignidade, pelo nosso Passado, pelo nosso Presente.

Dum modo especial ao receber a peregrinação moçambiana, presidida por Sua Eminência o Cardial Arcebispo D. Teodósio Clemente de Gouveia, Pio XII, dizendo da alegria que tinha em acolher os queridos filhos portugueses de Moçambique, de novo se referiu com expressões de evidenciado apreço à nossa obra de evangelização do Mundo.

LISBOA COLMEIA DE NAVEGADORES E MISSIONÁRIOS

Finalmente na sua última Mensagem em português e para Portugal, para encerrar o I Congresso Nacional dos Homens Católicos, o Papa fala mostrando de novo a constante preocupação que lhe enche o coração paternal — glorificar o esforço apostólico da nossa gente.

Foi assim que ele se dirigiu aos homens de Portugal:

«Quando o Senhor Cardial vosso digníssimo Presidente nos dava a grata notícia de que vós íeis reunir um grande Congresso na Cidade de Lisboa e, interpretando o vosso vivo desejo nos convidava a tomar parte nele dirigindo-vos a palavra e implorando sobre as vossas deliberações as bênçãos do Altíssimo, surgiu em nosso espírito numa auréola de glória aquela época magnífica em que Portugal era como um vasto seminário de arautos do Evangelho e Lisboa a porta áurea por onde cada ano saíam, na esteira do grande pioneiro que foi Santo António, legiões de apóstolos a evangelizar o Mundo.

«Então glorificava-se Lisboa de que nas ribeiras do Tejo se fabricassem e pela sua barra saíssem pacíficas armadas conquistadoras do Império de Cristo: então sucedia não raro que mercadores usados mais ao lucro das especiarias que ao das almas, afeitos só a manejar a espada e não a Cruz, sabiam transformar-se em catequis-

tas e lançarem em terras maninhas a primeira semente que os missionários por eles convidados iriam depois cultivar.

«E acudia-nos à memória aquela sentença do Príncipe dos vossos oradores que, apontando precisamente para Santo António exclamava: os outros homens têm obrigação de ser católicos; os portugueses têm obrigação de ser católicos e serem apostólicos, já que para arautos da Fé os escolheu o Rei Divino, quando nas quinas lhes deu por braço as suas chagas e cruzados seus os armou, quando lhes deu por divisa a Cruz de Cristo».

E depois de apontar aos homens da Acção Católica os muitos problemas sobre os quais se devem debruçar atentos, acrescentou:

«Enfim o problema das Missões propriamente dito nos vastos territórios ultramarinos. Para elas é preciso encaminhar, seleccionar, cultivar vocações ressuscitando aquele espírito missionário dos vossos maiores, quando as famílias se honravam de consagrar pelo menos um filho ao serviço do altar e à conquista das almas, quando havia terras que nas missões tinham dois por cento dos seus naturais».

Pondo termo a este trabalho com a citação do texto pontifício acima transcrito, não se dirá com verdade que o não fechamos com autêntica e preciosa chave de ouro.

Parafraseando o Senhor Cardial Patriarca também nós podemos dizer:

Portugal deve estar muito grato a Sua Santidade, pelo muito que tem compreendido, prezado e amado o nosso apostólico esforço missionário.

CATÁLOGO DOS PRINCIPAIS
OBJECTOS E OBRAS DE ARTE
QUE FIGURAM NA EXPOSIÇÃO

CATÁLOGO

OCEANIA

- 1 — (Papuásia) *Crucifixos*, madeira.
- 2 — » *A Virgem*, madeira.
- 3 — » *Ostensórios e relicários*, madeira.
- 4 — » *Candelabro*, madeira.
- 5 — » *Casulas*.
- 6 — » *Altar de uma capela das Missões*.
- 7 — » *Motivos ornamentais com o símbolo cristão dos peixes*.
- 8 — » (Rabaul, Nova Bretanha). *Interior de uma igreja*.
- 9 — » (Yule Is., *Mitra e casula de fibra vegetal*).
- 10 — » (Port Moresby). *Objectos para o culto pintados a fogo sobre motivos inspirados em tatuagens*.
- 11 — (Papuásia Port Moresby). *Astas de procissão*, madeira.
- 12 — (Ilhas de Salomão do Sul) *A Virgem com o Menino*, madeira.
- 13 — (Nova Zelândia) *Nossa Senhora dos Maoris*, óleo.

ÁFRICA

- 14 — (Ndanda, Tanganica) *Crucifixos*, ébano.
- 15 — (Ondo Ilorin, Nigéria) *Crucifixo*, madeira.
- 16 — (Tanganica) *Cristo coroado de espinhos*.
- 17 — (Togo) Longinius: *Via Sacra*.
- 18 — (Madagascar) *Jesus diante de Pilatos*.
- 19 — » *Jesus cai ao peso da Cruz*.
- 20 — » *Crucifixão*.

- 21 — (Tanganica) *Estação da Via Sacra: Jesus ajudado pelo Cireneu.*
- 22 — (Nigéria) Okunrebo Edokpolo: *Via Sacra.*
- 23 — (Uganda) *Descida da Cruz*, madeira.
- 24 — (Daomé) Escola de Arte «Art et Louange»: *Via Sacra.*
- 25 — (África do Sul) *Crucifixo.*
- 26 — » *Senhor morto.*
- 27 — (Sudão) *Crucifixos*, marfim e ébano.
- 28 — (Daomé) *Via Sacra: Jesus encontra sua Mãe*, couro.
- 29 — (Costa do Marfim) Wanda: *Crucifixo*, madeira.
- 30 — P. Woelfel: *Crucifixão.*
- 31 — » » *Jesus escarnecido.*
- 32 — (Madagascar) *A Virgem das Vocações.*
- 33 — (Togo) *A Virgem do Togo.*
- 34 — (Sudão) Angelo Mboro: *Virgem.*
- 35 — (Nigéria) Okunrebo Edokpolo: *Ó Maria, Mãe de Jesus, abençoi-nos!*
- 36 — P. Woelfel: *Virgem com o Menino.*
- 37 — » » *Anunciação.*
- 38 — (Tanganica) *Virgem*, madeira.
- 39 — » *Virgem com o Menino*, barro cozido.
- 40 — (Uganda) Pientia Selhorts: *Virgem negra.*
- 41 — (Johannesburgo, União Sul Africana) V. Cotty: *Virgem e Menino.*
- 42 — (Togo) Longinius: *Virgem com o Menino.*
- 43 — (H.^{te} Volta) Jean Pierre Bassola: *A Virgem Protectora.*
- 44 — (Togo) Zondo Woundo: *Virgem com o Menino.*
- 45 — » » » *A Virgem com o Menino e um Anjo.*
- 46 — (Daomé) *Virgem com o Menino*, barro cosido inspirado num fetiche.
- 47 — (Costa do Marfim) *Virgem.*
- 48 — (Ndanda, Tanganica) *Estátuas da Virgem*, ébano.
- 49 — (Swasiland) *A Virgem.*
- 50 — (Basankusu, Congo Belga) *A Virgem*, ébano.
- 51 — (Ondo Ilorin, Nigéria) S. Francisco *prêgando aos pássaros.*
- 52 — (Benin) Etienne Hountondij: *Tentações de Jesus.*
- 53 — » » » *Cena de martírio.*
- 54 — » » » *S. Cristóvão.*
- 55 — » Bruno Hountouaji: *S. Pedro e o galo.*
- 56 — » Aissin Hountudui: *Lázaro e os cães.*
- 57 — » Zokpé Houton: *Notável.*
- 58 — » A. Logo: *O Baptismo de Cristo.*

- 59 — (Benin) A. Logo: *A alma em graça e a alma em pecado.*
- 60 — » Justin Accobessi: *A Fuga para o Egipto.*
- 61 — » H. Kodjo: *Presépio.*
- 62 — » Allokpe Akiollea: *Decapitação.*
- 63 — » Gakpon Dahou: Grupo representando a Igreja Católica, com o Papa, os Bispos e os Fieis.
- 64 — (Daomé) *Decapitação.*
- 65 — » *Cerimónia pagã de magia.*
- 66 — » Cruz com o Cristo posto sobre o trono do chefe da tribo.
- 67 — » Bertin Arhin: *Via Sacra: Jesus encontra a Mãe.*
- 68 — » » » *Via Sacra: Jesus com a Cruz às costas.*
- 69 — » » » *Via Sacra: Jesus cai.*
- 70 — (Ouagadougou) Ansoumane Dermin: Anjo com candelabro e anjo com tam-tam.
- 71 — (Ouagadougou) Ansoumane Dermin: Anjos com os símbolos da antiga iconografia cristã.
- 72 — (Ouagadougou) Joseph Tohonbo: *O pelicano.*
- 73 — (Tanganica) *O Baptismo de Cristo.*
- 74 — » *O pecado original e a Redenção.*
- 75 — (Gabão) *São Luís.*
- 76 — P. Woelfel: *A Fuga para o Egipto.*
- 77 — » » *Cristo Rei.*
- 78 — » » *A apresentação do Menino Jesus no Templo.*
- 79 — (Uganda) Pientia Selhorts: *Os mártires da Uganda.*
- 80 — (Togo) Longinius e Simón: Imagens sacras de barro cosido.
- 81 — (Senegal) *Santo António.*
- 82 — Gardner: Mosaico.
- 83 — (Togo) Zondo Woundo: Estatuetas de madeira inspiradas em esculturas sacras de Gino Gini.
- 84 — (Congo Belga) *Jesus*, relevo sobre dente de elefante.
- 85 — » » *A Virgem*, relevo sobre dente de elefante.
- 86 — (Togo) Longinius: *Santo*, terracota.
- 87 — (Swasiland) *Sagrado Coração*, madeira.
- 88 — (África do Sul) *Orante*, madeira.
- 89 — » » » *O Baptismo de Cristo*, madeira.
- 90 — » » » *Santo António*, madeira.
- 91 — » » » *São Francisco*, madeira.
- 92 — » » » *Jesus atado à coluna*, madeira.

- 93 — (Togo) Longinius: *S. João Baptista*, terracota.
- 94 — » » *S. Paulo*, terracota.
- 95 — (Sudão) Ângelo Mboro: *Bispo Missionário*, madeira.
- 96 — (África do Sul) *Anjo*, madeira.
- 97 — (Dacar, Senegal) *Santo Agostinho, Protector da Africa*.
- 98 — » » *S. Filipe Néri*.
- 99 — (Ndanda, Tanganica) *S. José*, ébano.
- 100 — (Sudão) Ângelo Mboro: Anjo em acaju.
- 101 — (Nigéria) Okunrebo Edokpolo: Estante.
- 102 — (Sudão) Lâmpada de cabeça e espinhos de porco espinho, executada por um aluno da escola de Torit.
- 103 — (Daomé) Agbakodji Alloha: Tabernáculo inspirado nos vasos «Ashanti», usados para o comércio do ouro.
- 104 — (H.^{te} Volta) Derme Sibri: Píxides com tampa.
- 105 — » » » » Píxide inspirada num vaso de sacrifício pagão.
- 106 — (Senegal) Ahmed Moelid: Tabernáculo em estilo mourisco, em ébano e prata.
- 107 — (Camarão) Candelabro estilo «Bamoun».
- 108 — » Píxide estilo «Bamoun».
- 109 — (Daomé) Zokpon Agbagodji: Tabernáculo sobreposto à umbela do chefe da tribo.
- 110 — (Daomé) H. Kodjo: Custódia inspirada num vaso de sacrifícios pagão.
- 111 — (Costa do Marfim) Nema Yaho: Campaínhas para a missa, inspiradas nos cascáveis de dança.
- 112 — Legendre: Custódia em ferro forjado inspirada no nó tibetano contra os espíritos malignos.
- 113 — (Togo) Kpatka: Cruz de campanário feita de uma picareta.
- 114 — (Daomé) Gagbe Logo: Custódia inspirada num prato de magia «Fa».
- 115 — Marie Baranger: Casula adornada com pequenas conchas.
- 116 — (Ouagadougou) Candelabro inspirado numa máscara «Baoule».
- 117 — Custódia inspirada em diademas frontais de bailarinos.
- 118 — Custódia oferecida ao Santo Padre pela Peregrinação do Senegal.
- 119 — (Ouagadougou) Esaka Dermin: Relicários de cobre inspirados em motivos tibetanos.
- 120 — (Costa do Marfim) Sidikiba Traoule & Karamo Diawara: Píxide em estilo «Bakuli».

- 121 — (Ouagadougou) Derme Sibri: Lâmpada do Santíssimo Sacramento feita de duas máscaras «Baoule».
- 122 — (Costa do Marfim) Sidime Aamadon: Cálice de estilo «Baoule».
- 123 — » » » Tiemoko: Cálice de estilo «Baoule».
- 124 — » » » *Cálice*, bronze.
- 125 — » » » *Cálice*, bronze.
- 126 — (Rodésia do Norte) *Candelabro*, madeira.
- 127 — (Basutolândia) *Floreira de terracota*.
- 128 — (Ongo, Nigéria) *Tabernáculo*.
- 129 — (Ouagadougou) Esaka Dermin: *Candelabro*.
- 130 — (Togo) *Sino de ferro forjado*.
- 131 — (Sudão) *Candelabros de marfim*.
- 132 — (Ondo, Nigéria) *Adoração dos Magos*.
- 133 — (África do Sul) *Presépio de cortiça*.
- 134 — (Sudão) Angelo Mboro: *Presépio*, ébano.
- 135 — (Congo Belga) *Presépio de ébano*, com o Menino de marfim.
- 136 — (Sudão) *Presépio de madeira*.

CHINA

- 137 — Lucas Cheng: *A Virgem com o Menino*.
- 138 — » » «*Deixai vir a mim as criancinhas*».
- 139 — » » *A Fuga para o Egipto*.
- 140 — » » *Os Reis Magos*.
- 141 — » » *Nossa Senhora do Rosário*.
- 142 — » » *Crucifixão*.
- 143 — » » *Anunciação*.
- 144 — » » *Jesus entra em Jerusalém*.
- 145 — » » *A Virgem com o Menino*.
- 146 — » » *A Virgem com o Menino*.
- 147 — Lu-Hung-Nien: *Assunção*.
- 148 — » » *Anjo*.
- 149 — » » *A Virgem com o Menino*.
- 150 — » » *Anjo*.
- 151 — » » *A Virgem com os anjos que esparzem flores*.
- 152 — » » *Natividade*.
- 153 — » » *A Assunção de Nossa Senhora*.

- 154 — Lu-Hung-Nien: *Anunciação.*
 155 — » *S. José volta do trabalho.*
 156 — » «*Non erat eis locus.*»
 157 — » *O Anjo e os pastores.*
 158 — » *Anunciação.*
 159 — » *Natividade.*
 160 — G. Wang-Su-Ta: *Natividade.*
 161 — » *Jesus entre os doutores.*
 162 — » *A comunhão dos Santos.*
 163 — » *Nossa Senhora do Rosário.*
 164 — » *A Flagelação.*
 165 — » *A Visitação.*
 166 — » *Pentecostes.*
 167 — » *Natividade.*
 168 — » *Ascensão.*
 169 — Luca Hua: *A Fuga para o Egipto.*
 170 — » » *A Sagrada Família.*
 171 — » » *Anunciação.*
 172 — » » *A Sagrada Família.*
 173 — » » *Anunciação.*
 174 — » » *Anunciação.*
 175 — » » *Jesus entre os doutores.*
 176 — » » *A Virgem e o Menino.*
 177 — Chang-Hui-Sheng: *Virgem estilo Ming.*
 178 — Hung-Yuee-Lung: *Os Reis Magos.*
 179 — Su-Hi-Hua: *A Fuga para o Egipto.*
 180 — Li-Ming-Yuen: *A Fuga para o Egipto.*
 181 — » » *A Fuga para o Egipto.*
 182 — Wang-Cheng-Siang: *Getsemani.*
 183 — Chang-Chao-Ho: *A Fuga para o Egipto.*
 184 — » » *Moisés salvo das águas.*
 185 — » » *O sacrificio de Isaac.*
 186 — » » *A Samaritana.*
 187 — » » *A Madalena.*
 188 — » » *A Virgem e o Menino.*
 189 — » » *A Criação.*
 190 — G. Lu: *Senhora.*
 191 — » » *A Visitação.*

- 192 — G. Wang: *Jesus coroado de espinhos* .
 193 — Castiglioni: *O Arcanjo S. Miguel*.
 194 — » *Anjo da Guarda*.
 195 — Mon Van Genechten: *A Fuga para o Egipto*.
 196 — » » *Anunciação*.
 197 — » » *A Visitação*.
 198 — » » *A Crucifixão*.
 199 — Objectos de culto.
 200 — Mesa destinada ao culto dos antepassados.
 201 — Taça da dinastia Sung para o vinho dos sacrifícios.
 202 — Cálice inspirado na taça de sacrifício de Sung.
 203 — Cálice de laca.
 204 — Veste de cor de Lama.
 205 — Casulas.
 206 — *O Bom Pastor*. Escultura páleo-cristã, de marfim (séc. XVIII).

ÍNDIA

- 207 — *Estátua de Patanjali*, antigo sábio indiano, ou «O homem da cauda de serpente» (séc. XVI).
 208 — *Vyagrâpada*, antigo sábio indiano, ou «O homem de pés de tigre» (séc. XVI).
 209 — T. K. N. Trivikram: *Pai, perdoai-lhes!*
 210 — B. Subbiah: *Rainha da Índia*.
 211 — Joseph Ubale: *A fonte da vida*.
 212 — Sor Solange: *Rainha da Índia*.
 213 — » *Maria, Medianeira de todas as Graças*.
 214 — » *A filha de Jairo*.
 215 — » *A visita dos pastores*.
 216 — A. Pereira: «*Virgo Puríssima*».
 217 — J. Pereira: *Virgem indiana*.
 218 — » *As tentações de Jesus*.
 219 — Sor Genoveva: *O triunfo de José, vice-rei do Egipto*.
 220 — » *Judite e Holofernes*.
 221 — » *Filipe e o eunuco*.
 222 — » *A sarça ardente*.
 223 — » *David e Golias*.
 224 — » *Moisés no Nilo*.

- 225 — Paul Raj: *A Madalena.*
 226 — » » «*Nunc dimittis...*».
 227 — Kumari Aruna Das: *O divino carpinteiro.*
 228 — Nur Coelho: *A Virgem dos veados.*
 229 — Bundelu: *As virgens prudentes e as virgens loucas.*
 230 — Sarosh B. Mody: *A Mãe que fia.*
 231 — Gouveas: *Crucifixo*, em madeira de teca.
 232 — H. Shirsat: *Job e os seus amigos.*
 233 — » » *São Jerónimo.*
 234 — S. Bose: *Natividade.*
 235 — P. Martini: *Jesus prègando.*
 236 — Vasant: *Mãe e Filho.*
 237 — Vinayak Masoji: *Virgem.*
 238 — » » *O Filho Pródigo.*
 239 — Marcus Topno: *A adoração dos pastores.*
 240 — S. F. Carvalho: *A Fuga para o Egipto.*
 241 — O. C. Rodrigues: *O Protoevangelho.*
 242 — » » » *S. Miguel.*
 243 — » » » *A criação de Adão.*
 244 — » » » *A Virgem com o Menino Jesus.*
 245 — » » » *Maternidade divina.*
 246 — Susei: «*Nirmala*» — *Imaculada.*
 247 — P. Denis Arango: *Os hóspedes de Abraão.*
 248 — P. Heras: «Maquete» de igreja cristã em estilo indiano.
 249 — Selina Britto: *O sinal de Jonas.*
 250 — » » *A núvem do Carmelo.*
 251 — Victor Mendes: «*Deixai vir a mim os pequeninos*».
 252 — P. W. Vandekerckhove: *A filha de Jairo.*
 253 — » » » *A Virgem Mãe.*
 254 — Duckett Prim: *A parábola do sementeiro.*
 255 — A. Trindade: *O Médico divino.*
 256 — » » *A Assunção.*
 257 — Manohara: *A agonia no horto das oliveiras.*
 258 — » *Cristo em casa de Marta e Maria.*
 259 — » *S. Paulo sai da cidade de Damasco.*
 260 — » *A moeda de César.*
 261 — » *Como a cidade sobre o monte e a luz no candieiro.*
 262 — » *Deu uma bofetada no Senhor.*

- 263 — Manohara: *Job era um grande senhor, fiel a Deus.*
- 264 — » *Filipe e o eunuco.*
- 265 — » *O rico Epulon e Lázaro, o mendigo.*
- 266 — » *A filha de Jairo.*
- 267 — Imagens de marfim, cobre, pedra, madeira de sândalo e pau rosa, argila e barro cosido.
- 268 — Ostensórios, cálices, galhetas, caixas para hóstias, vasos para os santos óleos, e outros objectos necessários para o culto.
- 269 — Estátuas de marfim de Nosso Senhor, da Virgem e dos Santos.
- 270 — A. P. Pai: *O Salvador*, representado como o divino *Guru* (Mestre), com os vestidos de um *sannyasi* (monge).
- 271 — C. N. Mhatre: *A Criação do Mundo.*
- 272 — » » » *A Criação da Luz.*
- 273 — » » » *O Redentor morto.*
- 274 — » » » *Mãe feliz.*
- 275 — » » » *Epifania.*
- 276 — » » » *A Virgem do elefante.*
- 277 — » » » *Anunciação.*
- 278 — » » » *A Visitação.*
- 279 — » » » *A Fuga para o Egipto.*
- 280 — » » » «*Non erat eis locus*».
- 281 — » » » *A Assunção.*
- 282 — » » » *A Assunção.*
- 283 — Alfred Thomas: *O caminho do peregrino.*
- 284 — » » *A negação de Pedro.*
- 285 — » » *A Fuga para o Egipto.*
- 286 — » » *O Bom Pastor.*
- 287 — » » *Anunciação.*
- 288 — » » *As Marias aos pés da Cruz.*
- 289 — » » *Belém.*
- 290 — » » *O arrependimento de Pedro.*
- 291 — » » *A adoração dos pastores.*
- 292 — » » *A Anunciação.*
- 293 — » » *Mãe e Filho.*
- 294 — Frank Wesley: *A Fuga para o Egipto.*
- 295 — » » *O Bom Samaritano.*
- 296 — » » *Depois do baptismo de Jesus.*
- 297 — » » *A manhã da Ressurreição.*

- 298 — Frank Wesley: «*Eu vos darei repouso*».
- 299 — » » *A Madalena.*
- 300 — » » *A sarça ardente.*
- 301 — » » *Maternidade divina.*
- 302 — » » *Volta a Nazaré.*
- 303 — » » *A Samaritana.*
- 304 — » » *Descanso no caminho.*
- 305 — Angelo da Fonseca: «*Nirmala*» — *Imaculada.*
- 306 — » » » *Maria e José.*
- 307 — » » » *A oração da tarde.*
- 308 — » » » *Crucifixão.*
- 309 — » » » *A Samaritana.*
- 310 — » » » *Em casa de Lázaro.*
- 311 — » » » *Maternidade divina.*
- 312 — » » » *A Última Ceia.*
- 313 — » » » *A árvore da religião, segundo o Veda.*
- 314 — » » » *Deus segundo o Veda.*
- 315 — » » » *A felicidade eterna segundo o Veda.*
- 316 — » » » *A Madalena.*
- 317 — » » » *Cristo Ressuscitado.*
- 318 — » » » *Rainha da Índia.*
- 319 — » » » *Marta e Maria.*
- 320 — » » » *Cristo morto.*
- 321 — » » » *O Cântico dos Cânticos.*
- 322 — » » » *S. Pedro e S. Paulo.*
- 323 — » » » *A visão de S. Francisco.*
- 324 — » » » *A Apresentação.*
- 325 — » » » *S. Tomé, Apóstolo.*
- 326 — » » » *A Mãe do Céu.*
- 327 — » » » *A Virgem do Lotus.*
- 328 — » » » *A Virgem da Estrela.*
- 329 — » » » *Os sete Sacramentos, aguarelas.*
- 330 — » » » *S. Bento e Santa Escolástica.*
- 331 — » » » *Os Magos.*
- 332 — » » » *A Sagrada Família.*
- 333 — » » » *Zacarias.*
- 334 — » » » *Os quinze Mistérios do Santo Rosário.*

- 335 — Angelo da Fonseca: *Série de aguarelas ilustrando os artigos do Credo.*
 336 — Angelo da Fonseca: *Cenas das antigas Missões jesuíticas da Índia.*

VIET-NAM

- 337 — Le Van De: *A Madalena.*
 338 — » » » *Prece.*
 339 — » » » *«Mater Amabilis».*
 340 — Pham Gia Giang: *Piedade.*
 341 — Dinh Xuan Minh: *Prece.*
 342 — » » » *Prece.*
 343 — Nguyen Tien Trinh: *Maternidade.*
 344 — Escola de Arte de Gia-Dinh: *Nossa Senhora do Viet-Nam.*
 345 — Truong Dinh Kim: *«Justitia et pax osculatae sunt», óleo.*
 346 — » » » *Procissão eucarística no Viet-Nam.*
 347 — Kim: *A missão dos Apóstolos.*
 348 — » *Jesus e a Samaritana.*
 349 — Ton That Dao: *Maria e Jesus.*
 350 — Nguyen Van Anh: *Rainha dos Mártires.*
 351 — » » » *A Sagrada Família.*
 352 — » » » *Funerais cristãos no Viet-Nam.*
 353 — Tran Van Tho: *Maternidade.*
 354 — V. Dat: *Virgem.*
 355 — Tran Minh Tho: *A Virgem, o Menino e S. João Baptista.*
 356 — » » » *Sob a Cruz.*
 357 — *Martírio dos beatos Khoan, Hieu e Thanh, sacerdotes anamitas.*

COREIA

- 358 — Kim Chang Young: *Mater Dolorosa.*
 359 — Kim Chung Wahn: *Anunciação.*
 360 — Michek Youn Seung: *Santa Maria.*
 361 — Chang Woosung: *A Virgem e os mártires coreanos.* (Tríptico destinado á Catedral de Seul).
 362 a 363 — Chang Woosung: *Mártires Coreanos.*

JAPÃO

- 364 — Lukas Hasegawa: *O Angelus de Nagasaki.*
365 — " " *Anunciação.*
366 — " " *A beata Grazia Hosokawa.*
367 — Seikyo Okayama: *São Francisco de Assis.*
368 — Okayama Seikyo: *A Virgem da Rosa.*
369 — " " *São Francisco Xavier.*
370 — " " *A beata mártir Grazia Hosokawa.*
371 — " " *Mártires japoneses.*
372 — Maki Kodo: *Discussão sobre a Religião.*
373 — Kimico Koseki: *Virgem com o Menino.*
374 — " " *Martírio.*
375 — " " *Prece.*
376 — " " *A Virgem das Neves.*
377 — " " *Natividade.*
378 — " " *Natividade.*
379 — " " *Virgem.*
380 — " " *A beata Galazia, martir japonesa.*
381 — " " *Mártires japoneses.*
382 — Toda Takahiro: *A Apresentação.*
383 — " " *A Bemaventurada Virgem.*
384 — Iusho Doomoto: *Justo Ykon Takayama.*
385 — Yoshiro Nomura: *Santo Agostinho.*
386 — Maria Akeiko Oshima: *Procissão.*

ESPAÑHA

- 1 — *Santo Inácio de Loiola.*
- 2 — *Virgem de Guadalupe.*
- 3 — Quatro estampas populares mexicanas. Trabalho em penas. Museu de América.
- 4 — *Adoração dos Reis Magos*, tríptico de inspiração flamenga, fino trabalho em penas, mexicano, de tradição azteca. Depósito do Sr. E. Traumann.
- 5 — Pintura missionária que representa a conquista e a submissão dos índios de Pantasma e Paraca, da antiga Capitania Geral de Guatemala.
- 6 — *A Apresentação da Virgem no templo.* Museu de América.
- 7 — *Os sonhos de S. José.* Museu de América.
- 8 — *A Virgem e S. José procurando pousada, em Belém.* Museu de América.
- 9 — *A Assunção.* Museu de América.
Os números 6, 7, 8 e 9, são quadros da arte colonial mexicana, com influência oriental, pelas suas aplicações de conchas, e as suas pinturas e relevos de lacas.
- 10 — Seis cadeirões do Colégio de S. Bartolomeu, de Salamanca, com os retratos do Bispo Anaya e de colegas ilustres. Trabalho colonial da América Central. Museu de América.
- 11 — *A Virgem de Guadalupe, com os seus santuários em construção.* Arte missionária mexicana. Museu de América.
- 12 — *A Virgem de Guadalupe.* Museu de América.
- 13 — *S. Francisco Xavier, com moldura barroca.* Pintura missionária de Quito, do Séc. XVII. Depósito da Senhora de Prieto.
- 14 — *Imaculada, com moldura popular barroca, da província de Charcas.* Museu de América.
- 15 — *Sobrinha neta de Fernão Cortês, com o hábito de professa.* Pintura colonial mexicana do Séc. XVII. Museu de América.

- 16 — *Virgem com o Menino*. Escultura de pedra. Trabalho mexicano. Museu de América.
- 17 — *Santo André*. Marfim das Filipinas. Paróquia de Santa Cruz, de Medina de Rioseco.
- 18 — *Menino Jesus*. Paróquia de Santa Cruz, de Medina de Rioseco.
- 19 — *Virgem do Rosário*. Marfim das Filipinas. Paróquia de Santa Cruz, de Medina de Rioseco.
- 20 — *Santo Inácio Mártir*. Marfim das Filipinas. Paróquia de Santa Cruz, de Medina Rioseco.
- 21 — *São Sebastião*. Marfim das Filipinas. Paróquia de Santa Cruz, de Medina de Rioseco.
- 22 — *Cristo de marfim*. Paróquia de Santa Cruz, de Medina de Rioseco.
- 23 — *Pequena arca birmane*. Marfim. Paróquia de Santa Cruz, de Medina de Rioseco.
- 24 — *Santo em oração*. Marfim das Filipinas. Paróquia de Santa Cruz, de Medina de Rioseco.
- 25 — *O Santo Menino de Cehu, com atributos de Capitão General*. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 26 — *São José e a Virgem*. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 27 — *Calvário, com a Virgem, S. João e a Madalena*. Marfim das Filipinas. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 28 — *Calvário*. Marfim das Filipinas. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 29 — *Cálice e galhetas de ouro cinzelado*. Trabalho das Filipinas. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 30 — *Virgem com o Menino*. Marfim das Filipinas. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 31 — *Imaculada*. Marfim das Filipinas. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 32 — *Imaculada*. Marfim das Filipinas. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 33 — *Virgem com o Menino*. Porcelana chinesa. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 34 — *Três capas pluviais*. Bordados das Filipinas. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 35 — *Três casulas*. Bordados das Filipinas. Padres Agostinhos, de Valladolid.
- 36 — *Arca de cânfora, com obra de talha*, procedente das Missões da China. Padres Redentoristas, de Madrid.
- 37 — *Cortina de seda bordada*, procedente das Missões da China. Padres Redentoristas, de Madrid.

- 38 — *Pano de seda bordado*, procedente das Missões da China. Padres Redentoristas, de Madrid.
- 39 — *Pano de damasco com aplicações de tela de ouro bordada*, procedente das Missões da China. Padres Redentoristas, de Madrid.
- 40 — *Cortina de seda, bordada a ouro e cores*, procedente das Missões da China. Padres Redentoristas, de Madrid.
- 41 — *Um lote de objectos religiosos de madrepérola esculpida e gravada*. Procedente da Custódia Franciscana dos Lugares Santos de Jerusalém.
- 42 — *Cristo do Caranguejo, que pertenceu a S. Francisco Xavier*.
- 43 — *Padre Luís Bolaños*. Madeira, de Ricardo Font.
- 44 — *Nove crucifixos de madeira*. Colecção do Conde de Colombi.
- 45 — *Quatro crucifixos de madeira*. Colecção do Conde de Colombi.
- 46 — *Crucifixo*. Marfim das Filipinas. Paróquia de Santa Cruz, de Medina de Rioseco.
- 47 — *Duas ânforas*.

MANUSCRITOS E IMPRESSOS

- 48 — Mateo de Anguiano: *Historia de las Misiones Capuchinas en el Congo, Benín y América*. (Ms./18187.) Biblioteca Nacional.
- 49 — Antonio de la Ascensión: *Relación breve del descub.^o, desde el puerto de Acapulco... reino de California... 1602*. México, 1620. (Ms./3042, fol. 21.) Biblioteca Nacional.
- 50 — *Documentos referentes a las Misiones de los Capuchinos en Cumaná, Santa María, Maracaibo y Río Hacha*. Siglo XVIII. (Ms./3570.) Biblioteca Nacional.
- 51 — Falkener: *Descripción de la Patagonia*. (Ms. Paz, núm. 995, pág. 448. 1616.) Biblioteca Nacional.
- 52 — *Mapa de las Misiones de la Compañía de Jesús*. (Ms. Paz, núm. 974-4, pág. 441. 18650^o.) Biblioteca Nacional.
- 53 — *Pintura del gobernador, alcaldes y regidores de México*. 1565. (Vitrina 26-8.) Biblioteca Nacional.
- 54 — Nicolás del Tecto: *Historiæ Provinciæ Paraguariæ*. (Ms. Paz, núm. 942, pág. 420. 5931.) Biblioteca Nacional.
- 55 — *Relaciones topográficas de los pueblos de México*. (Ms. Paz, núm. 468, pág. 240. 2449-2450.) Biblioteca Nacional.

- 56 — *Autos y papeles ref.^{es} a la villa de San Carlos de Austria y a los Misioneros Capuchinos en Venezuela*. Siglo XVII. (Ms./3543, pág. 420.) Biblioteca Nacional.
- 57 — Pablo José de Arriaga: *Extirpación de la idolatría del Perú*. Lima, 1621. Ed.^{on} facsímil, Buenos Aires, 1910. (R/22124.) Biblioteca Nacional.
- 58 — Diego Basalenque: *Hist.^a de la prov.^a de San Nicolás de Tolentino de Michoacán*. México, 1673. (R/14167.) Biblioteca Nacional.
- 59 — Andrés Marcos Burriel: *Noticia de la California*, tomo III, Madrid, 1757. (R/906.)
- 60 — *Códice Troano (Jeroglíficos aztecas)*. (R/23764.) Biblioteca Nacional.
- 61 — Diego de Córdova Salinas: *Vida y virtudes del apóstol del Perú San Francisco Solano*. Madrid, 1643. (R/13842.) Biblioteca Nacional.
- 62 — Agustín Dávila Padilla: *Hist.^a de la fundación de la prov.^a de Santiago de México, de la Orden de Predicadores*. Madrid, 1596. (R/16605.) Biblioteca Nacional.
- 63 — Pedro de Feria: *Declaración de la Doctrina Christiana en lengua castellana y çapoteca*. México, 1567. (R/9473.) Biblioteca Nacional.
- 64 — Juan de la Anunciación Fernández Herrera: *Sermonario en lengua mexicana*. México, 1577. (R/3583.) Biblioteca Nacional.
- 65 — Gregorio García: *Origen de los indios del Nuevo Mundo e Indias Occidentales*. Valencia, 1607. (R/16352.) Biblioteca Nacional.
- 66 — Gregorio García: *Predicación del Evangelio en el Nuevo Mundo*. Baza, 1625. (R/9565.)
- 67 — Diego González Holguín: *Vocabulario de la lengua de todo el Perú*. Ciudad de los Reyes, 1608. (R/13832.) Biblioteca Nacional.
- 68 — Juan de Grijalba: *Crónica de la Orden en Nueva España*. México, 1624. (R/14789.) Biblioteca Nacional.
- 69 — Alonso de Larrea: *Chronica de la prov.^a de Mechoacán*. México, 1643. (R/4109.) *Biblioteca Nacional*.
- 70 — Bernardo de Lizarra: *Historia de Yucatán*. Valladolid, 1633. (R/5925.) Biblioteca Nacional.
- 71 — Juan Meléndez: *Tesoros verdaderos de las Indias en la historia de la Provincia de San Juan Bautista del Perú, de la Orden de Predicadores*. Roma, 1681. (R/3419.) Biblioteca Nacional.
- 72 — Diego de Mendonza: *Chronica de la provincia de San Antonio de Charcas*. Madrid, 1664. (R/828.) Biblioteca Nacional.

- 73 — Juan de Mijangos: *Primera parte del Sermonario dominical y santoral en lengua mexicana*. México, 1624. (R/14228.) Biblioteca Nacional.
- 74 — Alonso de Molina: *Vocabulario en lengua castellana y mexicana*. México, 1571. (R/2101.) Biblioteca Nacional.
- 75 — Alonso de Ovalle: *Historia y relación del reino de Chile*. Roma, 1646. (R/2149.) Biblioteca Nacional.
- 76 — Francisco Palou: *Relación histórica de la vida y tareas de Fr. Junípero Serra*. México, 1787. (R/645.) Biblioteca Nacional.
- 77 — Antonio de Remesal: *H.^a de la prov.^a de S. Vicente de Chiapa y Guatemala, de la Orden de Sto. Domingo*. Madrid, 1619. (R/3424.) Biblioteca Nacional.
- 78 — Antonio Ruiz de Montoya: *Arte de la lengua guaraní (o tupí)*. Madrid, 1640. (R/2299.) Biblioteca Nacional.
- 79 — Bernardino de Sahagún: *Psalmodia christiana y Sermonario de los Sanctos en lengua mexicana*. México, 1583. (R/8612.) Biblioteca Nacional.
- 80 — Buenaventura Salinas y Córdoba: *Memorial de las Historias del Nuevo Mundo*. Perú. Lima, 1631. (R/3130.) Biblioteca Nacional.
- 81 — Domingo de Santo Tomás: *Gramática o Arte de la lengua llamada Quichúa*. Valladolid, 1560. (R/1963.) Biblioteca Nacional.
- 82 — Bernardo de Torres: *Crónica de la prov.^a peruana de San Agustín*. Lima, 1657. (R/1239.) Biblioteca Nacional.
- 83 — Carlos Celedonio Velázquez de Cárdenas: *Breve práctica y régimen del Confessionario de Indios, en mexicano y castellano*. México, 1761. (R/4269.) Biblioteca Nacional.
- 84 — Francisco Romero: *Llanto sagrado de la América Meridional...* Milán, 1693. (R/7999.) Biblioteca Nacional.
- 85 — Andrés Febres: *Arte de la lengua general del Reyno de Chile*. Lima, 1765. (R/1876.) Biblioteca Nacional.
- 86 — Agustín Farfán: *Tractado breve de Medicina y de todas las enfermedades*. México, 1592. (R/5205.) Biblioteca Nacional.
- 87 — Francisco de Florencia: *Menologio de los varones más señalados en perfección religiosa de la Provincia de la Compañía de Jesús de Nueva España*. (S. l.) 1747. (R/14215.) Biblioteca Nacional.
- 88 — Francisco de Florencia: *Historia de la Provincia de la Compañía de Jesús de Nueva España*. México, 1694. (R/14031.) Biblioteca Nacional.

- 89 — Geronimo Ripalda: *Catecismo Mexicano*. 1758. (R/1147) Biblioteca Nacional.
- 90 — Pedro Morejón: *Relación de martires del Japón*. 1361. (R/712.) Biblioteca Nacional.
- 91 — Antonio Calancha: *Cronica moralizadora de la orden de S. Agustin*. 1361. (R/712.) Biblioteca Nacional.
- 92 — Pedro Chirino: *Relacion de las Islas Filipinas*. 1604. (R/5723.) Biblioteca Nacional.
- 93 — Pedro Morejon: *Historia y relación de lo sucedido en el Japón*. 1621. (R/2450.) Biblioteca Nacional.
- 94 — Juan de Noceda: *Vocabulario de la lengua tagala*. 1754. (R/2509.) Biblioteca Nacional.
- 95 — Alonso de Mentrida: *Vocabulario bisaya*. 1637. (R/4507.) Biblioteca Nacional.
- 96 — Diego Aduarte: *Historia de la provincia del Rosario, de Filipinas*. 1640. (R/15109.) Biblioteca Nacional.
- 97 — Martin Clavez: *Martirios en el Japon de los P.P. Bartolomé Gutierrez y otros*. Manila, 1638. (R/4893.) Biblioteca Nacional.
- 98 — *Avisos de la China y Japón*: 1587. Madrid. 1689. (R/1126.) Biblioteca Nacional.
- 99 — Ludovico Betonio: *Vocabulario Aymara*. Chanito. 1611. (R/2737.)
- 100 — *Arte y vocabulario de la lengua mozocosi*. Madrid. 1699. (R/2631.) Biblioteca Nacional.
- 101 — Alonso de Molina: *Doctrina Cristiana en lengua Mexicana*. México. 1718. (R/2631.) Biblioteca Nacional.
- 102 — *Catalogo de algunos varones de la provincia del Perú*. Sevilla. 1613. (R/14154.) Biblioteca Nacional.
- 103 — Horacio Larosci: *Compendio del arte de la lengua mexicana*. México. 1759. (R/14933.) Biblioteca Nacional.
- 104 — Isidro Felix Espinosa: *Cronica de los Colegios Propaganda Fide Nueva España México*. 1746. (R/14064.) Biblioteca Nacional.
- 105 — Manuel Perez: *Arte del Idioma Mexicano*. México. 1713. (R/1361.) Biblioteca Nacional.
- 106 — *Catecismo de la Doctrina Cristiana escrita en jeroglificos (indios maucuas) siglo XVI*. Archivo Historico Nacional.
- 107 — *Carta del Gobernador y varios caciques de Hyexutzinco (Mejico) escrita en idioma mexicano, 1560* (Fue presentada por Fray Alonso Maldonado).

- 108 — *Memorial de los chinos cristianos de Filipinas a Felipe IV pidiendo no se les cortara el cabello al ser bautizados.* Manila. 1625. Archivo Historico Nacional.
- 109 — *Carta de fray Toribio de Motolinia a Carlos V suplicando continuara socorriendo con limosnas de aceite y vino a los Monasterios Franciscanos de Nueva España (México).* 1548. Archivo Historico Nacional.
- 110 — *Mapa del rio Orinoco, con informe del misionero P. Jose Gumilla a Felipe V, año 1733.* Archivo Historico Nacional.
- 111 — *Sitio y planta de la isla de S. Juan (archipiélago de los Ladrones). Siglo XVII.* Archivo Historico Nacional.
- 112 — *Mapa del Imperio del Japón ; 1669.* Archivo Historico Nacional.

PORTUGAL

- 1 — *Bastão de mando de soba cristão. Dos primeiros tempos da evangelização portuguesa (Angola).* Da colecção da Agência Geral do Ultramar.
- 2 — *Objecto de arte indígena, de madeira, com motivos religiosos.* Da colecção da Agência Geral do Ultramar.
- 3 — *Crucifixo de madeira e metal. Dos primeiros tempos da evangelização portuguesa (Angola).* Da colecção da Agência Geral do Ultramar.
- 4 — *Caixa de madeira com suportes para quatro velas, decorada com motivos religiosos (Angola).* Da colecção da Agência Geral do Ultramar.
- 5 — *Pente de madeira, com motivos religiosos. (Missão Católica de Luanda, Angola).* Da colecção da Agência Geral do Ultramar.
- 6 — *Terço de prata (Timor).* Da colecção da Agência Geral do Ultramar.
- 7 — *Esteira entrançada representando indígenas ajoelhados (Angola).* Da colecção da Agência Geral do Ultramar.
- 8 — *Escultura representando uma negra com uma cruz ao peito (Moçambique).* Propriedade das Missões Franciscanas.
- 9 — *Estola de casca de árvore (Moçambique).* Propriedade das Missões Franciscanas.
- 10 — *São Francisco Xavier. Escultura de marfim (Índia Portuguesa).* Do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 11 — *Sagrada Família. Quatro figuras de marfim (Índia Portuguesa).* Do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 12 — *São Francisco Xavier. Escultura de marfim (Índia Portuguesa).* Do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 13 — *Imagem de Nossa Senhora (Timor).* Do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 14 — *Cruz de pedra de Jau (Chilongo, Angola).* Do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.

- 15 — *Crucifixo de pedra dos primeiros tempos da evangelização portuguesa (Angola)*. Do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 16 — *Prato de madeira com motivos religiosos (Angola)*. Do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 17 — *Crucifixo dos primeiros tempos da evangelização portuguesa (Guiné)*. Propriedade do Seminário de Tomar. Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas.
- 18 — *Bastão com castão de prata, com os quatro evangelistas e S. Tomé (Índia Portuguesa)*. Propriedade do Seminário de Tomar. Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas.
- 19 — *Imagem de Nossa Senhora. Escultura de marfim (Angola)*. Propriedade da Congregação de S. José de Cluny, de Braga.
- 20 — *Imagem de Nossa Senhora. Escultura de marfim (Angola)*. Propriedade da Congregação de S. José de Cluny, de Braga.
- 21 — *Baldaquino de marfim (Angola)*. Propriedade da Congregação de S. José de Cluny, de Braga.
- 22 — *Colar de marfim (Angola)*. Propriedade da Congregação de S. José de Cluny, de Braga.
- 23 — *São Francisco de Assis. Imagem de marfim (Índia Portuguesa)*. Propriedade das Missões Franciscanas. Colégio de Montariol, Braga.
- 24 — *São Francisco Xavier. Imagem de marfim (Índia Portuguesa)*. Propriedade das Missões Franciscanas. Colégio de Montariol, Braga.
- 25 — *Missionário. Escultura em madeira (Moçambique)*. Propriedade das Missões Franciscanas. Colégio de Montariol, Braga.
- 26 — *Crucifixo de madeira, da Missão de Malatane (Diocese de Nampula, Moçambique)*. Propriedade do Seminário de Cucujães. Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas.
- 27 — *Cristo de madeira, da Missão de Malatane (Diocese de Nampula, Moçambique)*. Propriedade do Seminário de Cucujães. Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas.
- 28 — *Crucifixo dos primeiros tempos da evangelização portuguesa (Congo Português, Angola)*. Propriedade do Seminário de Cucujães. Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas.
- 29 — *Trabalho em marfim, oriental, representando «O sonho de Jacob», ou «O pastor dormindo»*. Da igreja dos Terceiros, Elvas.

- 30 — *Dalmática de seda, bordada a matiz. Trabalho oriental.* Da igreja de Sousel.
- 31 — *Rosário de prata e marfim (Moçambique).* Propriedade da Missão de Nossa Senhora de Fátima, de Murraça, Moçambique.
- 32 — *Rosário de prata (Moçambique).* Propriedade da Missão de Nossa Senhora de Fátima, de Murraça, Moçambique.
- 33 — *Veú de ombros (Índia Portuguesa).* Da igreja matriz de Borba.
- 34 — *Veú de cálice (Índia Portuguesa).* Da igreja de S. Bartolomeu, de Borba.
- 35 — *Frontal de altar, bordado a matiz, oriental.* Da igreja de Cano, Alentejo.
- 36 — *Estola bordada a matiz, oriental.* Da igreja do Cano, Alentejo.
- 37 — *Nossa Senhora. Imagem de pedra, dos primeiros tempos da evangelização portuguesa (Índia Portuguesa).* Do Museu Etnológico Português, Lisboa.
- 38 — *Crucifixo de madeira (Macondes, Moçambique).* Propriedade da Companhia de Diamantes de Angola.
- 39 — *Nossa Senhora de Fátima. Escultura em marfim (Angola).* Da coleção do Ex.^{mo} Sr. Ricardo Amorim, de Braga.
- 40 — *Nossa Senhora do Sameiro. Escultura em marfim (Angola).* Da coleção do Ex.^{mo} Sr. Joaquim Silva, de Lisboa.
- 41 — *Nossa Senhora de Lourdes. Escultura em marfim (Angola).* Da coleção do Ex.^{mo} Sr. Joaquim Silva, de Lisboa.
- 42 — *Nossa Senhora de Fátima. Escultura em marfim (Angola).* Da coleção do Ex.^{mo} Sr. Joaquim Silva, de Lisboa.
- 43 — *Crucifixo de marfim (Angola).* Da coleção do Ex.^{mo} Sr. Joaquim Silva, de Lisboa.
- 44 — *Imagem da Virgem, de porcelana japonesa, colocada numa flor de lotus, à semelhança de uma deusa budista. (Kannon-Maria).* Propriedade da Ex.^{ma} Senhora de Costa Carneiro.
- 45 — *Campainha de bronze. Trabalho oriental.* Do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.
- 46 — *Pequeno altar oriental, de madeira, com imagens de marfim.* Do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.
- 47 — *Turíbulo de latão. Trabalho oriental.* Do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.
- 48 — *Imagem de Santo António (Angola).* Do Museu da Sociedade de Geografia, de Lisboa.

- 49 — *Crucifixo de madeira e metal*. Do Museu da Sociedade de Geografia, de Lisboa.
- 50 — *Projecto da igreja portuguesa de Pequim, elaborado por artistas chineses, 1777*. Do Arquivo Histórico Colonial, Lisboa.
- 51 — «*As dez Virgens*», aguarela do pintor goês Ângelo da Fonseca (*Índia Portuguesa*). Do Arquivo Histórico Colonial, Lisboa.
- 52 — *Crucifixo de madeira e cobre (Missão de S. Salvador do Congo, Angola)*. Da colecção do Ex.^{mo} Sr. Julião Quintinha.
- 53 — *Nossa Senhora do Rosário, de marfim (Angola)*. Da colecção do Ex.^{mo} Sr. Julião Quintinha.
- 54 — «*O Missionário*». Óleo do pintor Neves e Sousa (*Angola*).
- 55 — *Relicário de prata (Tesouro da Casa Vidigueira, que pertenceu à família de Vasco da Gama)*. Do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- 56 — *Estante para missal (Tesouro da Casa Vidigueira)*. Do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- 57 — *Porta-Paz (Tesouro da Casa Vidigueira)*. Do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- 58 — *Cruz indiana, com inscrição. Dos princípios da evangelização portuguesa (Tesouro da Casa Vidigueira)*. Do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- 59 — *Duas sacras de prata da Prelazia de Tete (Moçambique)*. Do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- 60 — *Caixa-relicário, em estilo indo-português*. Do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- 61 — *Mesa indo-portuguesa*. Do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- 62 — *Virgem de marfim, oriental*. Do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- 63 — *Sino oriental (Macau)*. Propriedade do Seminário de Cucujães. Sociedade Portuguesa das Missões Católicas.
- 64 — *Dois paramentos orientais (Índia Portuguesa)*. Do Museu da igreja de S. Roque, Lisboa.
- 65 — *São João Baptista. Baixo relevo (Angola)*. Propriedade das Missões do Espírito Santo.
- 66 — *Nossa Senhora. Baixo relevo (Angola)*. Propriedade das Missões do Espírito Santo.

- 67 — *Cruz processional que presidiu à primeira missa no Brasil*. Propriedade do Cônego Dr. Manuel Aguiar Barreiros; depositada no tesouro da catedral de Braga.
- 68 — *Sandália de S. Francisco Xavier*. Propriedade da Companhia de Jesus.
- 69 — *Dois paramentos bordados nas Missões por indígenas (Angola)*. Propriedade das Missões do Espírito Santo.
- 70 — *Porta-paz oriental, com inscrição*. Propriedade da Junta Geral Autónoma do Distrito do Funchal.
- 71 — *Missionário. Escultura em madeira (Angola)*. Da coleção do Ex.^{mo} Sr. Renato da Silva Graça.
- 72 — *Dois castiçais de madeira, decorados com motivos indígenas (Angola)*. Propriedade das Missões do Espírito Santo.
- 73 — *Terços em filigrana de ouro e prata (Guiné)*.
- 74 — *Caixa de ouro (Guiné)*.
- 75 — *Terço de alumínio (Guiné)*.
- 76 — *Nossa Senhora de Africa, marfim (Angola)*. Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Izabel Rego Nunes.
- 77 — *Imagens de madeira. «Zambi» e «Santu» (Lunda, Angola)*. Do Museu da Companhia de Diamantes de Angola, no Dundo.
- 78 — *Santo Antonio, marfim. (Macondes, Moçambique)*. Do Museu da Companhia de Diamantes de Angola, no Dundo.
- 79 — *Nossa Senhora, marfim. (Macondes, Moçambique)*. Do Museu da Companhia de Diamantes de Angola, no Dundo.
- 80 — *Terço de prata filigranada (Timor)*. Pertence à Menina Eugénia Maria Mendonça e Moura.
- 81 — *Nossa Senhora de Timor, de ponta de búfalo*. Pertence à Menina Eugénia Maria Mendonça e Moura.
- 82 — *Nossa Senhora, marfim oriental*. Pertence ao Cap. Manuel Martins de Oliveira.
- 83 — *Crucifixo de marfim. (Angola)*. Pertence ao Cap. Manuel Martins de Oliveira.
- 84 — *Cristo de metal. (Angola)*. Pertence ao Cap. Manuel Martins de Oliveira.
- 85 — *Crucifixos de metal, do séc. XVII. (Angola)*. Pertencem ao Cap. Manuel Martins de Oliveira.
- 86 — *Nossa Senhora de Fátima, madeira pintada (Angola)*. Pertence ao Major Mateus Moreno.

- 87 — *Santo António, ébano (Macondes, Moçambique)*. Pertence ao Ex.^{mo} Sr. António Júlio Mesquita de Sousa.
- 88 — *Colecção de peças do oriente português*. Pertence à colecção particular do Ex.^{mo} Sr. Eliezer Kamenezky.
- 89 — *Nossa Senhora, marfim (Angola)*. Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a D. Fernanda Gonçalves Bichão.
- 90 — *Bispo a dizer Missa (Angola)*. Das Missões do Espírito Santo, de Silva Porto.
- 91 — *Nossa Senhora de Lourdes (Angola)*. Das Missões do Espírito Santo, de Lândana.
- 92 — *Jarras de Altar (Angola)*. Das Missões do Espírito Santo, de Cachinques.
- 93 — *Cruz de madeira (Angola)*. Das Missões do Espírito Santo, do Maiombe.
- 94 — *Santa Face, de madeira (Angola)*. Das Missões do Espírito Santo, do Maiombe.
- 95 — *Crucifixo de metal, dos primeiros tempos da evangelização portuguesa no Congo (Angola)*. Pertence ao Cap. Oscar Ruas.
- 96 — *Jogo de sacras de prata cinzelada, da antiga Prelazia do Sena (Moçambique)*. Pertence ao Arcebispado de Lourenço Marques.
- 97 — *Nossa Senhora de Fátima. Imagem de marfim (Macondes, Moçambique)*. Pertence ao Arcebispado de Lourenço Marques.
- 98 — *Tripeça com duas cabeças de indigenas e uma de missionário. (Macondes, Moçambique)*. Pertence ao Arcebispado de Lourenço Marques.
- 99 — *Castiçais de madeira (Moçambique)*. Pertence ao Arcebispado de Lourenço Marques.
- 100 — *Busto de D. Jose da Costa Nunes, Patriarca da Índia*, pelo escultor macaense Raul Xavier.
- 101 — *Nossa Senhora da Conceição*. Imagem de barro cosido, pelo escultor macaense Raul Xavier.
- 102 — *Cálice cravejado de pedras, da Sé Patriarcal*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 103 — *Cálice com tintinábulo, da Sé Patriarcal*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 104 — *Caixa octogonal, da Sé Patriarcal*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 105 — *Cofre de prata, da Sé Patriarcal*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.

- 106 — *Cruz peitoral do Patriarca D. Antonio Sebastião Valente*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 107 — *Cofre de prata da sobrepeliz de S. Francisco Xavier, da igreja do Bom Jesus*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 108 — *Naveta de prata, da igreja do Bom Jesus*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 109 — *Custódia da Igreja de Margão*. Pertence à Arquidiocese de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 110 — *Casula bordada da igreja de Margão*. Pertence à Arquidiocese de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 111 — *Castiçais de marfim (Moçambique)*. Pertence à Missão da Chupanga.
- 112 — *Nossa Senhora. Imagem de madeira. (Congo, Angola)*. Pertence ao Ex.^{mo} Sr. Agostinho Vieira de Sá.
- 113 — *Nossa Senhora de Fátima*. Mármore esboçado do escultor macaense Raul Xavier.
- 114 — *Arca que pertenceu a D. António Sebastião Valente, 1.º Patriarca das Índias, que servia para o transporte dos paramentos*. Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Teresa Falcão.
- 115 — *Colcha oriental sobre a qual D. António Sebastião Valente celebrava missa quando em viagem*. Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Teresa Falcão.
- 116 — *Homenagem do clero de Canará a D. António Sebastião Valente, por ocasião do 25.º aniversário da sua Consagração Episcopal*. Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Teresa Falcão.
- 117 — *Pixide de coco forrado de prata, usada por D. António Sebastião Valente nas suas visitas Pastorais*. Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Serpa Pimentel Temudo.
- 118 — *Porta da sacristia da Igreja do Bom Jesus*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 119 — *Coroação da Virgem. Quadro de madeira esculpida, do Mosteiro de Santa Mónica*. Pertence à Arquidiocese Primacial de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 120 — *Imagem do Divino Salvador, do Mosteiro de Santa Mónica*. Pertence à Arquidiocese de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 121 — *Duas imagens de Santos, do Mosteiro de Santa Mónica*. Pertence à Arquidiocese de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.

- 122 — *Duas imagens de Santos, do Seminário de Rachol*. Pertence à Arquidiocese de Goa e Damão. — Patriarcal das Índias.
- 123 — *Cofre oriental com reliquias de S. Francisco Xavier*. Pertence ao Senhor Conde de Nova Goa.
- 124 — *Duas imagens indianas do séc. XVII*. Pertencem ao Senhor Conde de Nova Goa.
- 125 — *Quatro pinturas religiosas da China*. Do Bispado de Macau.
- 126 — *Catorze estampas sobre a Via Sacra pintadas em folhas de árvore*. Do Bispado de Macau.
- 127 — *Cruz de prata para o Altar de Macau em Fátima*. Do Bispado de Macau.
- 128 — *Cálice de prata com adornos orientais (Singapura)*. Do Bispado de Macau.
- 129 — *Santa Ana*. Do Bispado de Macau.
- 130 — *A Sagrada Família. Marfim*. Do Bispado de Macau.
- 131 — *Menino Jesus. Marfim*. Do Bispado de Macau.
- 132 — *Três paramentos*. Do Bispado de Macau.
- 133 — «*Miao-Piao*» *para celebrar Missa*. Do Bispado de Macau.
- 134 — *Peças de marfim oriental*. Pertencem ao Ex.^{mo} Senhor António Pedro Nolasco.

ALGUNS LIVROS RAROS E DOCUMENTOS RELACIONADOS COM A ACTIVIDADE MISSIONÁRIA DOS PORTUGUESES

Copia de las/ cartas que los Padres y Hermanos de la com-/ pañia de Jesús que andan en el Japon/ escrivieron a los de la misma Compañia/ de la India y Europa, desde el año/ de M.D.XLVIII. que/ comẽçaron, hasta el passado/ de LXIII./ Trasladas de portugues en castellano./ y con licencia impressas./ en Coimbra./ por Juan Barrera, y Juan Alvarez,/ M.D.LXV./ 243 folhas. Na folha do rostro, o monograma da Companhia de Jesus.

Exemplar pertencente ao Embaixador de Portugal em Madrid, Prof. Doutor Carneiro Pacheco.

Desta obra sòmente se conhecem mais dois exemplares, um dos quais se encontra no Palácio Ducal de Vila Viçosa, por disposição testamentária d'El-Rei D. Manuel II, que doutamente o descreveu e comentou em *Livros*

Antigos Portugueses (II, pág. 734 e segts.), qualificando-o de «verdadeira preciosidade bibliográfica».

O terceiro exemplar encontra-se em Londres, na Casa dos Escritores da Companhia de Jesus, segundo os Padres SCHURHAMMER e WICKI (*Epistolae S. Francisci Xavierii aliaque scripta*, tomo I, pág. 219), os quais declaram que é «o único exemplar» por eles conhecido.

História dos Animais e árvores do| Maranhão.| Pelo muito reverendo Padre Fr. Chris-| tovão de Lisboa, calificador do Santo| Offício, e fundador da custódia do| Maranhão da recolecção de| Lisboa| Ano (1625 a 1631).

(Arquivo Histórico Colonial — Biblioteca, secção de Reservados).

Compromisso da Irmandade da Virgem Nossa Senhora do Rosário das ilhas de Quirimba. 1662. Traslado de 1767.

(Arquivo Histórico Colonial. — Cód. núm. 1.291 do Conselho Ultramarino).

Fiados, rendas, bordados e trabalhos caligráficos de raparigas e rapazes da Escola de Vila Viçosa de Real, dirigida pelos Padres da Companhia de Jesus. Pernambuco. 1761. (40 peças).

(Arquivo Histórico Colonial — Pernambuco, papeis avulsos, 1761).

Compromissos da Irmandade de S. Vicente Ferrer dos homens pretos do arraial da Passagem. Ano 1794. (Brasil).

(Arquivo Histórico Colonial — Cód. núm. 1.305 do Conselho Ultramarino).

CÓDICE N.º 42 DA BIBLIOTECA DO SEMINÁRIO CONCILIAR DE BRAGA (*Contém numerosos documentos, entre os quais*) :

a) Uma carta do Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, de 2 de Julho de 1464, sobre a execução da Bula da Cruzada contra os Turcos, fl. 318.

b) Quinze cartas do D. Frei Aleixo de Meneses, Arcebispo de Goa e Primaz do Oriente, a seu tio o Arcebispo de Braga, D. Frei Agostinho de Jesus e Castro. (Estas cartas, que narram a evangelização da Índia, Pérsia e Arménia, encontram-se de fls. 342 a 407 do referido códice e tem as seguintes datas):

- 1.^a, Goa, 23 de Dez. de 1595.
- 2.^a, Goa, 18 de Dez. de 1596.
- 3.^a, Goa, 9 de Dez. de 1597.
- 4.^a e 5.^a, 16 de Dez. de 1600.
- 6.^a, 23 de Dez. de 1600.
- 7.^a, 20 de Dez. de 1601.
- 8.^a, 23 de Dez. de 1602.
- 9.^a, 20 de Dez. de 1603.
- 10.^a, 16 de Fev. de 1605.
- 11.^a, 21 de Out. de 1605.
- 12.^a, 16 de Dez. de 1605.
- 13.^a, 10 de Dez. de 1607.
- 14.^a, 29 de Dez. de 1607.
- 15.^a, 2 de Fev. de 1608.

(Cfr. P. Avelino de Jesus da Costa, *Acção Patriótica e Missionária de D. Frei Aleixo de Meneses, Arcebispo de Goa e Primaz do Oriente, em Congresso do Mundo Português, vol. VI, t. I, págs. 209-247*).

MANUSCRITOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA:

a) Carta do Prior Geral da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho ao Provincial de Portugal, sobre o envio de missionários para a Etiópia e Índia e outros assuntos. Roma, 28-XII-1571.

b) Carta de Frei Simão de Jesus para D. Frei Agostinho de Jesus, Provincial dos Eremitas de Santo Agostinho, com notícias da viagem para a Índia e do estado em que se acha a missão. Goa, 8-XI-1572.

c) Carta de Frei Tomé de Jesus ao seu Provincial, D. Frei Agostinho

de Jesus, preconizando o estabelecimento duma missão nas Índias Ocidentais, escrita do cativo de Marrocos, a 27 de Novembro de 1582. (*Cfr. Alberto Feio, Boletim da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, I, págs. 132-139. Um inédito de Frei Tomé de Jesus*).

d) Informação da ordem que se deve ter no petitorio da Nova Espanha, Perú e terra firme, do mesmo Frei Tomé de Jesus a Frei Agostinho de Jesus.

e) Carta do Provincial dos Eremitas de Santo Agostinho de Goa a Frei Agostinho de Jesus, Vigário Geral da Ordem em Portugal, dando-lhe notícias dos negócios da Índia. Diu, 11-IV-1587.

f) Carta de Frei Pedro de Santa Maria, Vigário na Índia, a Fr. Agostinho de Jesus, Vigário Geral dos Eremitas de Santo Agostinho em que lhe dá notícia das prosperidades da Ordem na China e Índia. Ormuz, 25-VII-1585.

g) Manuscrito n.º 779 com as seguintes espécies:

- 1) Inquirição sobre a vida, morte e milagres do Patriarca da Etiópia, André de Oviedo e outros padres e irmãos da Comp. de Jesus, 16 fl.
- 2) Carta ânua do P. Luis de Azevedo para o Provincial, Julho de 1607, 14 fl.
- 3) Idem, idem, 8-VII-1619.
- 4) Relaçam da entrada dos Padres da Comp. de Jesu em Aethyopia..., 13 fl.
- 5) Carta ânua do P. Luis de Azevedo, 13 fl. 24-6-1609.
- 6) Idem, 8 fl. 3-7-1610.
- 7) Idem, 10 fl. 13-7-1611.
- 8) Idem, 12 fl. Junho de 1613.
- 9) Idem, 18 fl. 30-6-1614.
- 10) Idem, 14 fl. 28-6-1615.
- 11) Relação dos Padres que partirão para Ethiopia em 1630..., 19 fl.
- 11b) Carta do P. Pedro Pais ao Provincial de Goa. 2 fl. 4-7-1615.
- 12) Carta do P. Luis de Azevedo ao Provincial de Goa, 20 fl. 8-7-1619.
- 13) Carta ânua do P. Jerónimo Mayorica, em latim. 1620, 6 fl.
- 14) Idem do P. Ant. Fernandes, 6 fl. 24-5-1620.

- 14b) Idem, idem, 4 fl.
- 15) Idem do P. Luis de Azevedo, 1620, 6 fl.
- 16) Idem do P. Diogo de Matos, 14 fl. 20-6-1621.
- 17) Idem, idem, 11 fl. 29-6-1622.
- 18) Aetyopica expeditio facta in anno 1622, de Tomé de Barros, 6 fl.
- 18a) Carta ânua do P. Diogo de Matos, 12 fl. 15-7-1623.
- 19) Idem do P. Gaspar Pais. 29 fl. 15-6-1625.
- 20) Relaçam da viagem que fizemos da India ate Ethiopia em 1624 e carta ânua de 1623-24, de Manuel Barradas, 22 fl. 10-5-1624.
- 21) Carta do Patriarca da Etiopia Afonso Mendes, 19 fl. 1-6-1626.
- 22) Idem, idem, 19 fl. 9-7-1625.
- 23) Idem do P. Gaspar Pais, 22 fl. 30-1-1626.
- 24) Littera annua Patriarchae Aetiopiae anni 1626, 16 fl. 1-6-1626.
- 25) Carta ânua do P. Manuel de Almeida, 26 fl. 7-4-1627.
- 26) Idem, idem, 20 fl. 16-6-1628.
- 27) Idem do P. Manuel Barradas, 30 fl. 20-5-1631.
- 28) Breve relaçam da vinda de Maçuá a Aden... (1633), 8 fl. Continua no n.º 33.
- 29) Carta de Damião Calaça, 8 fl. 20-7-1641.
- 30) Relação das cousas de Etiopia dos anos 1647, 1648 e 1649. 12 fl.
- 31) Carta do P. Manuel Barradas, 15 fl. 22-6-1626.
- 32) Informação do estado das cousas de Ethiopia do anno de 1632 escripto a Sua Magestade pelo Patriarcha Dom Afonso Mendes. 24 fl. 9-5-1633.
- 33) (Continuação do n.º 28).
- 34) Carta do Patriarca Afonso Mendes, 12 fl. 18-9-1635.
- 35) Carta do P. Francisco Rodrigues para o Patriarca da Etiopia. 6 fl. 20-1-1636 (cfr. n.º 38).
- 36) Vida do Patriarcha em Ethiopia, 6 fl.
- 37) Versão duma carta enviada, em 1634, pelo Imperador etíope Seltan Segued Faciladàs ao Patriarca Afonso Mendes, intimando-o a sair da Etiópia com todos os Padres da Companhia de Jesus.
Resposta do Patriarca Afonso Mendes à carta do Imperador Seltan Segued Faciladàs. 7 fl.
- 38) Breve relação da vinda de Maçuá a Aden e dos trabalhos que aqui passarão os 4 padres que... partirão de Ethiopia para a India. 2 fl.
- 39) Carta do P. Francisco Rodrigues da Companhia de Jesus para o Patriarcha de Aethiopia. 6 fl. Janeiro de 1636. (Cfr. n.º 35).

- 40) Carta do P. Diogo de Matos para o Reitor do Colégio de Diu. 2 fl.
- 41) Parecer do Senhor Bispo de Malaca, D. Gonçalo da Sylva sobre o breve das faculdades concedidas ao Patriarcha de Ethiopia. 4 fl.
- 42) Transsumptum facultatum Patriarchae Aethiopiae. 4 fl.
- 43) Relaçam do caminho que fez o P. Antonio Fernandez da Companhia de Jesu, que anda em Ethiopia na conversam das almas vindo com uma embaixada a Elrey de Portugal, e a Sua Santidade por mandado do Emperador de Ethiopia no anno de 613. 2 fl.
- 44) Informação, em que se mostra, em que tempo se pregou o Evangelho em Ethiopia, e começou a vida monástica, e quais foram seus instituidores, e pregadores... pelo Patriarcha d'Ethiopia Dom Afonso Mendes. 10 fl.
- 45) Historia do Emperador Malac Çagued tresladada da Chronica Ethio-pica ao pee da letra. 7 fl.
- 46) Como viveram em Ethiopia os Portugueses que la passaram e seus descendentes. 5 fl.
- 47) Rellação breve das cousas de Ethiopia. 4 fl.
- 48) Da entrada de D. Christovam da Gama em Ethiopia. 15 fl.
- 49) Carta ânua de 1632-1633. 38 fl.
- 50) Treslado do processo, e Inquirição que se fizerão sobre a morte de dous religiosos da Companhia de Jhesu e de mais quatro companheiros mortos pellos schismaticos nas terras de Assã... em 25 de Abril de 1635. 4 fl.
- 51) Relação das pessoas martirizadas na Ethiopia em 24 de Maio de 1631. 4 fl.
- 52) Relação da chegada de missionários à Etiopia em 1624. 6 fl.
- 53) Informação do caminho que se pode fazer de Mombaça para Ethiopia pelo Rio Brava. 2 fl.
- 54) Libellus septem lectionum doctrinae christianae... 14 fl.
- 55) Tratado da viagem que fizerão os padres Antonio Monserrate e Pedro Pais ao Baxim e seu cativeiro, escrito em 1608 pelo P. Pedro Rais. 28 fl.
- 56) Carta do P. Gaspar Soares ao Provincial de Goa. 4 fl. 30-3-1601.
- 57) Carta do P. Belchior da Silva. Etiopia. 1608.
- 58) Carta do P. Bernardo Nogueira. 10 fl. 8-5-1652.

História da Companhia de Jesus no Brasil, por Serafim Leite, S. J. Rio de Janeiro, 1950. Dez tomos encadernados.

Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Alvares Cabral. Edição facsimilada, publicada pelo Comandante A. Fontoura da Costa, com leituras do Dr. António Baião. Agência Geral das Colónias, Lisboa, MCMXL.

Vinte e nove volumes da bibliografia histórico-colonial editada pela Agência Geral do Ultramar, na parte em que se refere à expansão missionária dos portugueses.

Expõem-se dois quadros alusivos a S. Francisco Xavier (*A saída de Lisboa e A chegada a Goa*), do séc. XVII; um tríptico do pintor Lino António, e uma estátua de S. João de Brito, do escultor Barata Feyo, unicamente com fins decorativos, dentro do espírito da acção missionária portuguesa.

GRAVURAS



OCEANIA — (Papuásia) — *Crucifixo*, madeira



OCEANIA (Papúasia) — Altar de capela



OCEANIA (Ilhas Wallis) — *Virgem*, madeira



ÁFRICA (Costa do Marfim) — *Virgem*, marfim



AFRICA (Senegal) — *Santo Agostinho, Protector de África*



ÁFRICA (Benin) — Bruno Hountouaji: *S. Pedro negra Cristo*



ÁFRICA (Daomé) — *Levando a cruz* (Art et Louange)



ÁFRICA (Daomé) — Estação da Via Sacra



ÁFRICA (Nigéria, Ondo) — *S. Francisco pregando aos pássaros*



ÁFRICA (Gabão) — *S. Luís*, marfim



ÁFRICA (Togo) — *Longinius e Simon: Estação da Via Sacra (Art et Louange)*



ÁFRICA (Togo) — *S. Paulo*, terracota
(Art et Louange)



AFRICA (Uganda) — *Descida da Cruz, madeira*



ÁFRICA (Tanganica) — *Pecado original
e a Redenção*



ÁFRICA (Tanganica) — *Cristo coroado de espinhos, madeira*



ÁFRICA (Tanganica, Ndanda) — *Crucifixo*, ébano



路加陳德第

CHINA — Lucas Cheng: *Os Reis Magos*



CHINA — G. Wang Su Ta: *Natividade*



CHINA — Lu Hung Nien: *Anunciação*



CHINA — Lu Hung Nien: «*Non erat eis locus...*»



CHINA — Lu Hung Nien: O Anjo e os pastores.



CHINA — Lu Hung Nien: *Natividade*



CHINA — Lu Hung Nien: *S. José volta do trabalho*



CHINA — Lu Hung Nien: *Assunção*



CHINA — Lucas Hua: *Anunciação*



CHINA — Lucas Hua: Anunciação



CHINA — Lucas Hua: *Natividade*



CHINA — Lucas Hua: *A Sagrada Família*



CHINA — Mon van Genechten: *A Visitação*



CHINA — Chang Chao Ho: *A Virgem e o Menino*



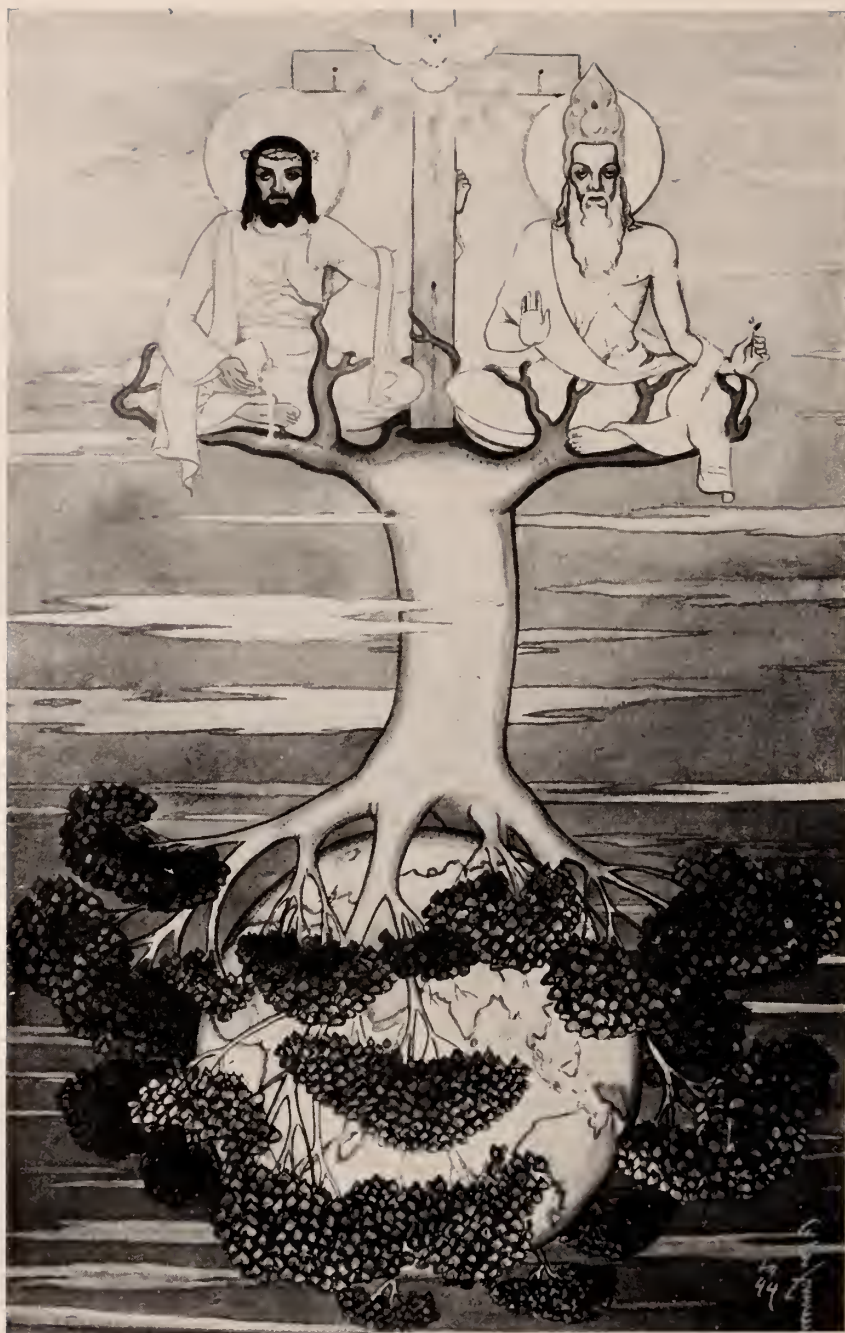
CHINA — Chang Chao Ho: *A Fuga para o Egipto*



CHINA — A última ceia, marfim



ÍNDIA — Angelo da Fonseca: *A Virgem e o Menino*



ÍNDIA — Ângelo da Fonseca: *A árvore da religião segundo o Veda*



INDIA — Ângelo da Fonseca: *Marta e Maria*



INDIA — Susei: *Nirmala, a Imaculada*



ÍNDIA — Irmã Solange: *Maria mediadora das Graças*



INDIA — Frank Wesley: *A Fuga para o Egipto*



INDIA — Frank Wesley: *Madalena*



INDIA — Frank Wesley: «Vinde a mim e eu vos darei repouso»



INDIA — Paul Rag: «*Nunc dimittis...*»



ÍNDIA — Alfred Thomas: *Anunciação*



INDIA — Alfred Thomas: *A Fuga para o Egipto*



ÍNDIA — C. N. Mhatre: *Deus mora no alto sobre os cumes do Himalaia*



ÍNDIA — C. N. Mhatre: *A Virgem do Elefante*



ÍNDIA — C. N. Mhatre: *A Assunção da Virgem*



INDIA — T. K. N. Trivikram: «Pai, perdoai-lhes»



देवप्रिये नमो मायै
प्रसादीत्तम वर्षिणि ।

ÍNDIA — A *Virgem em contemplação*, marfim



VIET-NAM — *Martírio dos beatos Khoan, Hien e Thanh em 1840*



VIET-NAM — Le Van De: «*Mater Amabilis*»



VIET-NAM — Le Van De: *Madalena*



VIET-NAM — Tran Van Tho: *A Virgem e o Menino*



VIET-NAM — Nguyen Van Anh: *A Sagrada Família*



VIET-NAM — Kim: *A missão dos Apóstolos*



VIET-NAM — Kim: *Jesus e a Samaritana*



JAVA — *A Imaculada*, gesso policromado



COREIA — Kim Chang: *Mater Dolorosa*



COREIA — Chang Woosung: *A Virgem com mártires coreanos* (parte central do triptico)



COREIA — Chang Woosung: *A Virgem com mártires coreanos*
(lado esquerdo do tríptico)



JAPÃO — T. Kimiko Koseki: *O Nascimento de Jesus*



JAPÃO — T. Kimiko Koseki: *A Beata mártir Galacia*



JAPÃO — Lucas Hasekawa: A mártir Gracia Hosokawa

聖
方
濟



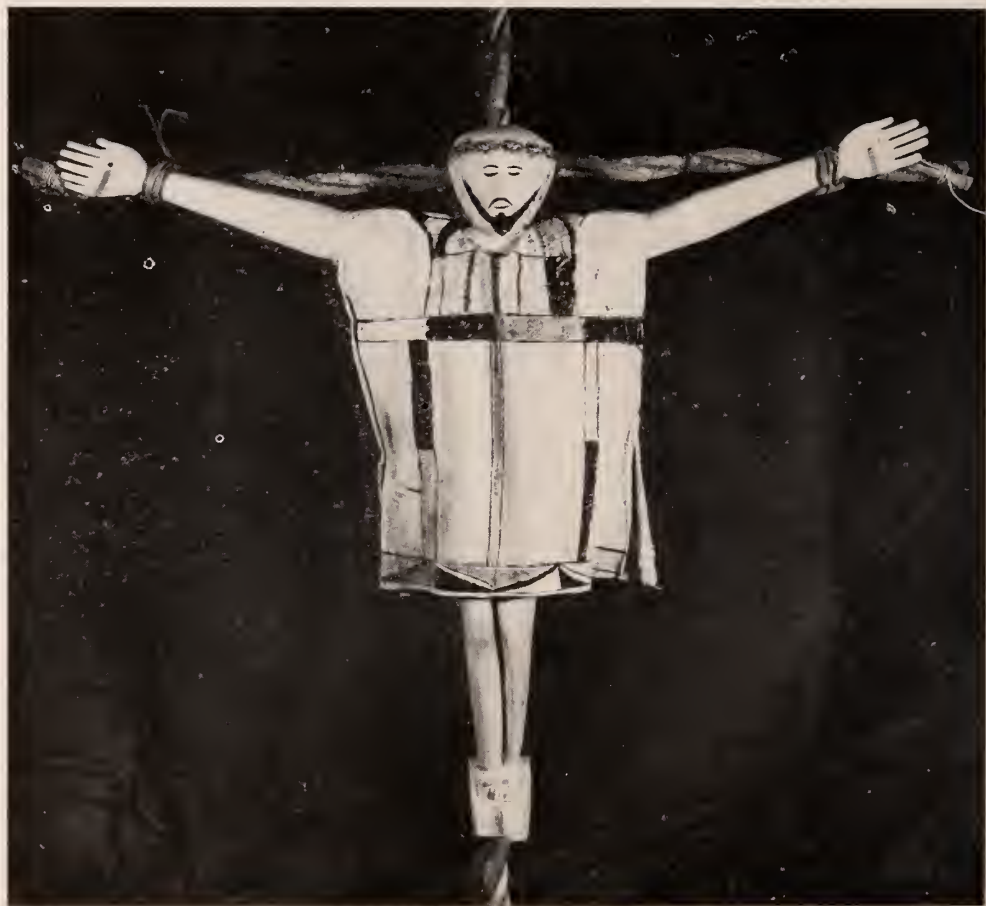
JAPÃO — Seikyo Okayama: *S. Francisco de Assis*



JAPÃO — Shinsen Nishino: S. Francisco Xavier em Yamaguchi



BRASIL — *Desenhos de cenas da Vida de Jesus Cristo*



BRASIL (Amazonas) — *Crucifixo*



ESPAÑA — *Virgem com símbolos da Ladainha. Trabalho mexicano.*
Museu de América, Madrid



ESPAÑA — *Nossa Senhora do Guadalupe. Laca mexicana.*
Museu de América, Madrid



ESPAÑA — Nossa Senhora do Guadalupe, com os seus santuários em construção. Trabalho mexicano. Museu de América, Madrid



ESPAÑA — *Nossa Senhora do Guadalupe. Trabalho mexicano.*
Museu de América, Madrid



ESPAÑA — *Virgem. Marfim das Filipinas. Padres Agostinhos, Valladolid*



ESPAÑA — *Santo Inácio Martir e São Sebastião. Marfim das Filipinas.*
Medina de Rioseco



ESPAÑA — A *Virgem e S. José. Marfim das Filipinas. Padres Agostinhos, Valladolid*



ESPAÑA — A *Crucifixão*. *Marfim das Filipinas*. Medina de Rioseco



ESPAÑA — *Casula. Bordado das Filipinas. Padres Agostinhos, Valladolid*



ESPAÑA — Pequeña arca birmane, de mármol, Medina de Rioseco



ESPAÑA — *Crucifixo de madeira.* Colecção do Conde de Colombi



ESPAÑA — *Crucifixo de marfim*. Coleção do Conde de Colombi



ESPAÑA — *Crucifixo de marfim*. Coleção do Conde de Colombi



PORTUGAL — *Crucifixo de pedra* (Angola). Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa



PORTUGAL — *Crucifixo de metal, do séc. XVII. (Angola).*
Pertence ao Sr. Cap. Manuel Martins de Oliveira



PORTUGAL — *Crucifixo de metal e madeira (Angola)*
Do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa



PORTUGAL — *Nossa Senhora. Imagem de pedra, dos primeiros tempos da evangelização portuguesa. (Índia). Do Museu Etnológico Português*



PORTUGAL — *Nossa Senhora. Imagem do séc. XVII*
(*India*). Pertence ao Sr. Conde de Nova Goa



PORTUGAL — *Cofre oriental com relíquias de S. Francisco Xavier. (India).*
Pertence ao Sr. Conde de Nova Goa



PORTUGAL — «O Sonho de Jacob». Marfim oriental dos primeiros tempos da evangelização portuguesa. Da Igreja de Terceiros, Elvas



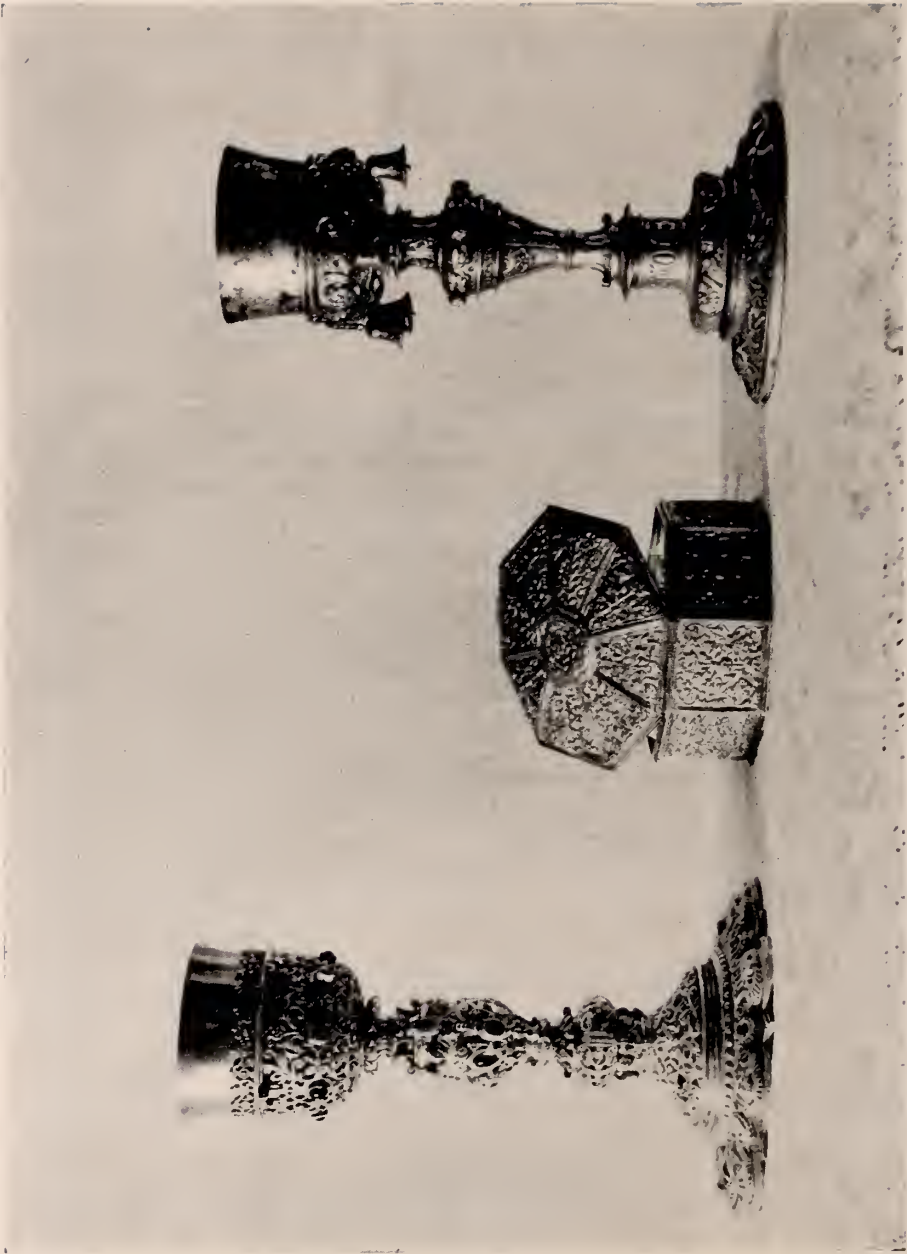
PORTUGAL — *Triptico de marfim. Trabalho oriental.*
Pertence ao Ex.^{mo} Sr. Eliezer Kamenezki



PORTUGAL — *Imagem de S. João. Marfim oriental.*
Pertence ao Ex.^{mo} Sr. Eliezer Kamenezki



PORTUGAL — *Marfim oriental, com três figuras representando a Fé, Esperança e Caridade. Pertence ao Ex.^{mo} Sr. Eliezer Kamenezki*



PORTUGAL — Cálices e caixa da Sé de Vella Goa. Trabalho de ourivesaria oriental



PORTUGAL — *Imagem da Virgem, em porcelana japonesa.*
(Canon-Maria). Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a de Costa Carneiro



PORTUGAL—*Nossa Senhora de África, Marfim (Angola).*
Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Isabel Rego Nunes



PORTUGAL — *Imagens de Nossa Senhora. Marfim (Angola)*. Pertencem à Congregação de S. José Cluny, de Braga e ao Ex.^{mo} Sr. Joaquim Silva



PORTUGAL — *Nossa Senhora. Imagem de marfim. (Angola).*
Pertence à Ex.^{ma} Sr.^a D. Fernanda Gonçalves Bichão



PORTUGAL — *Nossa Senhora de Timor. Imagem em ponta de búfalo. Pertence à Menina Eugénia Maria Mendonça e Moura*



PORTUGAL — *Santo António. Ébano. (Macondes, Moçambique).*
Pertence ao Ex.^{mo} Sr. António Júlio Mesquita de Sousa



PORTUGAL — *Missionário. Trabalho de ébano (Moçambique). Pertence ao Ex.^{ma} Sr. Renato da Silva Graça*



PORTUGAL — *Missionário. Escultura de madeira. (Moçambique).*
Pertence às Missões Franciscanas, Colégio de Montariol, Braga



PORTUGAL — *Crucifixo de ébano (Macondes, Moçambique).*
Pertence à Companhia de Diamantes de Angola



PORTUGAL — *Nossa Senhora. Imagem de madeira. (Lunda, Angola).*
Do Museu da Companhia de Diamantes de Angola



PORTUGAL — *Composição religiosa «Zambi».* (Lunda, Angola).
Museu da Companhia de Diamantes de Angola



PORTUGAL — «As dez Virgens», aguarela do pintor de Goa, Angelo da Fonseca. Do Arquivo Histórico Ultramarino



PORTUGAL — *Nossa Senhora. Baixo relevo. (Angola). Pertence às Missões do Espírito Santo*

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| S. S. Pio XII | 7 |
| A arte cristã dos povos primitivos | 11 |
| A arte na China | 15 |
| A arte na Índia | 19 |
| A arte no Viet-Nam | 23 |
| A arte no Japão | 25 |
| Arte religiosa indígena na América Central e do Sul | 29 |
| Notas biográficas de alguns artistas | 33 |
| A arte missionária espanhola | 39 |
| Portugal e a arte missionária | 41 |
| Pio XII e Portugal missionário | 45 |
| Catálogo da Exposição | 69 |
| Gravuras... .. | 105 |

ESTE CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA MISSIONÁRIA QUE SE REALIZOU EM LISBOA, NO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS, DURANTE O MÊS DE OUTUBRO DE 1951, INTEGRADA NAS CERIMÓNIAS DO ENCERRAMENTO DO ANO SANTO, FOI ORGANIZADO PELA AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR E IMPRESSO NAS TIPOGRAFIAS DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE E OFICINA GRÁFICA, L.^{DA}, COM GRAVURAS DE BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}



12210TA 193

11-06-97 32180 FS



Princeton Theological Seminary Libraries



1 1012 01169 7564

